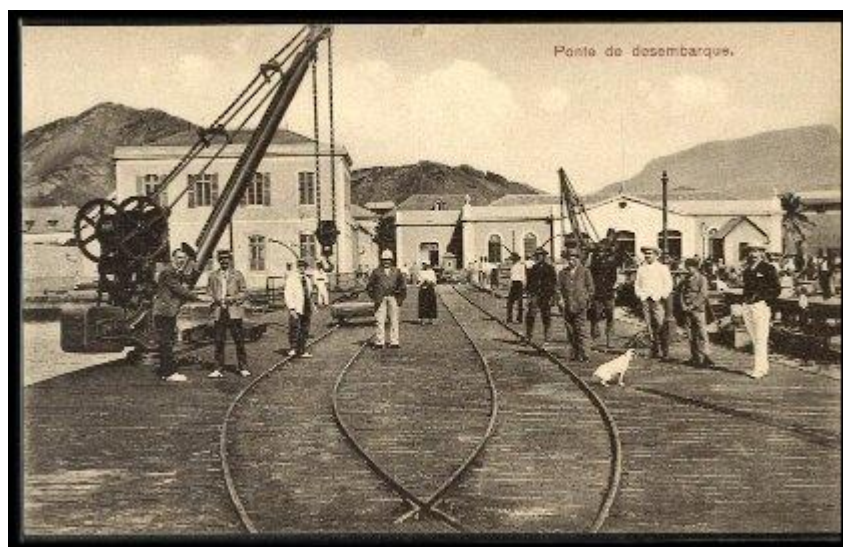




Instituto Superior de Educação
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA

**A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SEU IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DO MINDELO DE
CABO VERDE (1870-1900)**



LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA

MARIA CORREIA E SILVA CARDOSO

**Praia,
Setembro de 2006**

MARIA CORREIA E SILVA CARDOSO

**A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E O SEU IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DO MINDELO DE
CABO VERDE (1879-1900)**

**Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação para obtenção
do grau de licenciatura em Ensino de História, sob Orientação do Mestre
Lourenço Gomes.**

ISE, 2006

Trabalho científico apresentado ao Instituto Superior de Educação, aprovado pelos membros do Júri e homologado pelo Conselho Científico, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de História.

O Júri,

Praia, aos ____ de _____ de 2006

Aos meus pais,

Minha querida mãezinha Eva, pessoa

**que mais amo neste mundo e meu pai João, homem que
sempre demonstrou enorme carinho pela ilha de S. Vicente,
onde trabalhou durante muitos anos**

Agradecimentos

Seria injusto não referenciar certas pessoas neste trabalho. Mas a injustiça maior seria deixar de agradecer a todos os que de forma directa ou indirectamente deram apoio durante o curso de Historia. No entanto, não sublinhar os nomes das pessoas a seguir seria falta de bom senso, pelo que os meus agradecimentos são endereçados:

- À minha família em especial ao meu irmão João José pela estadia concedida na sua residência ao longo dos cinco anos de estudos no ISE.
- Ao Departamento de História e Filosofia e a todos os professores que nos acompanharam ao longo desses cinco anos.
- De forma muito especial ao meu professor e orientador Lourenço Gomes que tanto apoio tem dado na escolha do tema bem como na elaboração do trabalho.
- Aos meus colegas da turma B de História com destaque para as colegas Ivete Évora e Nisa Fernandes pelo apoio moral e companheirismo ao longo desses anos.
- Ao pessoal da secretaria e dos serviços académicos do ISE pela paciência com que nos tratou ao longo desses anos.
- Ao pessoal da escola secundária Alfredo Cruz pelo carinho e pela compreensão ao longo dos quatro anos, com destaque para o colectivo de História e ao professor Eugénio Correia.
- Ao Amândio Vicente pelo apoio concedido ao colocar na nossa disponibilidade o meio informático para que a realização deste trabalho fosse possível, bem como na leitura e melhoria de alguns pontos desse trabalho.

«... Mindelo é filha da hegemonia inglesa e do ordenado político saído da convenção de Viena de 1815...»

António Correia e Silva (1998) p.33.

“ Gosto de ver um homem orgulhoso da sua pátria, e gosto de vê-lo viver de tal forma que a pátria se sinta orgulhosa dele.”

Lincoln

:

Índice

Pag.

INTRODUÇÃO9

CAPÍTULO I

CONCEITO E ORIGEM DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.....11

1. Conceito de revolução industrial.....11

2. Cronologia do crescimento industrial no mundo13

3. Etapas da revolução industrial à escala mundial.....19

4 Consequências20

4.1. Demográficas.....20

4.2. Económicas.....23

4.3.. Sociais.....24

4.4. Consequências a nível do crescimento urbano e êxodo rural.....27

5. Crises da revolução industrial30

CAPÍTULO II

O IMPACTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DO MINDELO.....33

1. 1. Situação geográfica da ilha e da cidade do Mindelo.....33

2. Breve historial da ilha de S. Vicente e da sua cidade.....34

2.1 Descobrimto e povoamento.....34

2.2. Evolução do Povoado até à Categoria de Cidade.....37

2.3 Importância de Mindelo como ponto de apoio à navegação39

3. O contributo dos rendimentos do carvão para o desenvolvimento da cidade.....42

3.1. Porto Grande.....42

3.2. Presença Inglesa.....45

3.3 A atracção das populações de outras ilhas.....47

CAPÍTULO III	
OS REFLEXOS DA ECONOMIA CARVOEIRA PARA O CRESCIMENTO DA CIDADE DO MINDELO.....	51
1.1. Resultado e análise das entrevistas.....	51
1.2. Relacionar as diversas opiniões relativas aos reflexos da economia carvoeira para o desenvolvimento posterior de Mindelo.....	52
CONCLUSÃO.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	54
ANEXO	

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Fim de curso intitulado: «A Revolução Industrial e seu impacto no desenvolviam da Cidade do Mindelo (1870 a 1900)» constitui um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura em Ensino de História no ISE.

A escolha deste tema justifica-se dado ao grande interesse pelo aprofundamento de conhecimentos na área de História do Mundo Contemporâneo em particular a importância do estudo da Revolução Industrial. É inquestionável que este facto contribuiu para uma grande viragem na História da Europa e do mundo. É sabido também que Cabo Verde desempenhou o papel de entreposto de carvão durante algum tempo, mais concretamente a Cidade do Mindelo numa determinada altura (1870 a 1900), tendo por isso participado na difusão desse desenvolvimento, o que constitui motivo suficiente para nos despertar o interesse em saber mais sobre o contributo do nosso país nesse processo.

Os Objectivos deste trabalho incidem, dum modo geral em conhecer os impactos das Revolução Industrial entre 1870 a 1900 no desenvolvimento da Cidade do Mindelo em Cabo Verde.

Mais especificamente visam: caracterizar o contexto histórico da Revolução industrial; relacionar a Revolução industrial mais concretamente a economia carvoeira instalada em São Vicente entre 1870 a 1900 com o desenvolvimento da Cidade do Mindelo; e, analisar a economia carvoeira para o desenvolvimento posterior do Mindelo.

O tema apresentado constitui uma particularidade da mundial, com a sua merecida destaque. O seu tratamento não passa de uma referencia que se tem vindo a fazer na historiografia cabo-verdiana, no geral, e de São Vicente em particular. Desta feita fizemos o seu enquadramento numa nova forma de abordagem histórica, a “Nova

História”, ciente de que esta, através dos seus preceitos, nos permite destacar a revolução industrial e o seu impacto no desenvolvimento da Cidade do Mindelo de Cabo Verde (1870-1900) dando azo a uma história total.

Nos meados do século XVIII, o ocidente ou seja Países de Europa Ocidental fundamentalmente, assistiram ao desencadeamento da chamada Revolução Industrial de natureza técnico-económica, mais concretamente na região da Inglaterra.

As actividades industriais caracterizavam pelo artesanato e pela dispersão do trabalho que se fazia no domicílio do artesão ou nas oficinas dos mestres que eram de pequeno porte. A revolução Industrial alterou esse panorama tornando comum na indústria uso de máquinas, mecanização e a concentração de trabalhadores em fábricas ou seja a substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e a produção doméstica pelo sistema fabril. Dá-se dessa forma a transição entre feudalismo e o capitalismo.

Este conhecimento foi desenvolvido com base num acervo bibliográfico e documental variado, que incide não só na problemática das origens da revolução industrial, mas também em obras específicas e de carácter geral, que abordam os principais factos da Revolução Industrial. Foram também incluídos como suporte teórico deste trabalho a literatura sobre o contributo de Cabo Verde, mais particularmente da Cidade do Mindelo na Revolução Industrial e em boa medida fontes coevas disponíveis nos arquivos, nomeadamente B. O. da Província de Cabo Verde, Boletins de Propaganda e Informação entre outros documentos.

Este trabalho encontra-se estruturado em três capítulos que se subdividem no seguinte: Introdução, com o 1º capítulo Conceito e Origem da revolução industrial que por sua vez se subdivide em subcapítulos (conceito, cronologia, etapas, consequências e crises da dita revolução), 2º capítulo O impacto da revolução industrial para o desenvolvimento de Mindelo que também se divide em subcapítulos (Situação geográfica, Breve historial da ilha, Contributos do rendimento do carvão para o desenvolvimento da cidade) e o 3º capítulo Os reflexos da economia carvoeira para o desenvolvimento posterior de Mindelo, conclusão, bibliografias e anexos.

Definimos como metodologia a pesquisa documental que consistiu no levantamento bibliográfico prévio, leitura e fichamento dos dados, análise e tratamento dos mesmos sob a forma de síntese histórica. A recolha a partir de dados bibliográficos foi

complementada por um trabalho de campo que incidiu em entrevistas a personalidades da ilha baseada em guião antecipadamente elaborado.

CAPÍTULO I

CONCEITO E ORIGEM DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

1. Conceito de revolução industrial

Antes de entrarmos na análise do conceito de revolução industrial importa reflectir um pouco sobre o conceito de revolução.

A noção de revolução possui várias definições consoante for o ramo em que o termo é utilizado, ou seja o próprio contexto a que se refere. Duma forma geral a ideia de revolução exprime a acção ou efeito de revolucionar-se, revoltar-se, sublevar-se.¹

Segundo Tófilo Braga² a revolução é todo o facto, fenómeno ou grupo de fenómenos que tem por fim alterar a constituição física de certo terreno ou região considerável, ou ainda conjunto de acontecimentos naturais que perturbaram e mudaram a face ou a constituição do globo. A sua aplicação a um sector determinado da actividade humana é, por vezes indicada por um adjectivo qualificativo, como quando se fala, por exemplo, da Revolução Cultural.

Convém sublinhar que nos escritos políticos do Séc. XIX, o termo revolução quando empregue sozinho refere-se a revolução política e, é por isso que a ideia de revolução evoca geralmente nos espíritos a ideia de violência, já os sistemas políticos não se têm mostrado tão flexíveis que, se tornam capazes de mudanças fundamentais por meios de legalidade e, a ilegalidade implica recurso à força tanto pelos revolucionários como pelos detentores do Estado que eles atacam.

¹ É mais ou menos nestes termos que se começa a referir a este conceito na Enciclopédia Brasileira e Portuguesa, Editorial Enciclopédia L.da. S/d. p. 441

² Citado na Enciclopédia Verbo..... p.446

No que concerne particularmente à Revolução Industrial é importante realçar, em primeiro lugar, que se trata de um conjunto de transformações técnicas que entre meados do Século XVIII e meados do Séc. XIX criaram a indústria contemporânea fazendo-a caracterizar-se pelo uso da máquina e a centralização do trabalho em fábricas.

Assim, a Revolução Industrial pode ser entendida ainda como sendo a substituição das ferramentas pelas máquinas da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstica pelo sistema fabril³.

Também o conceito em referência pode ser vista como revolução social. Neste caso é entendido como sendo as transformações das sociedades europeias (sobretudo ocidentais e centrais) e norte-americanas (EUA), devido à rápida industrialização da economia.⁴

Pode ser entendida como movimento através do qual, graças à introdução de máquinas mais ou menos aperfeiçoadas, à utilização de fontes de energias novas ou renovadas, à adopção da divisão de trabalho, e a um controlo crescente dos mercados e da gestão, se desenvolvem, a um ritmo mais rápido e em quantidades muito maiores do que nos períodos anteriores, a produção e as trocas de bens materiais estandardizados.⁵ Diz-nos ainda este autor⁶ que, a industrialização implica a existência de uma grande indústria caracterizada pela diferenciação entre o local de habitação e o local de trabalho, um mínimo de concentração da mão-de-obra e um mínimo de capital imobilizado em edifícios, máquinas e aparelhos diversos. Devemos acrescentar que, para muitos como Rioux, Rémond, Beauchamp entre outros o termo foi utilizado pela 1ª vez por Engels em 1849, enumerando as suas consequências sociais na obra *The condition of working class in England in 1844*, seguindo depois por vários outros tais como John Stuart Mill em 1848, Karl Marx em 1847, Arnold Toynbee, este vai popularizar o conceito através das suas conferências sobre a Revolução Industrial na Inglaterra, em 1884 entre outros.

³ Cf. [http://www.cultura.brasil.pro.br/revolucao_industrial .htm](http://www.cultura.brasil.pro.br/revolucao_industrial.htm).

⁴ Cf. Enciclopédia luso-brasileira de Cultura. Lisboa. Editorial Verbo. 1999. p. 437.

⁵ BEAUCHAMP, Chantal. *Revolução Industrial e Crescimento Económico no século XIX*. Edições 70.Portugal. 1998. P.8.

⁶ Cf. Op.cit. BEAUCHAMP, Chantal. 1998.p.8.

2. Cronologia do crescimento industrial no mundo

Muitos Estados europeus, sobretudo, na área mediterrânica e balcânica, continuavam a viver por volta de 1850, numa economia tradicional dominada pela agricultura. Os investimentos foram neles muitos escassos e os rendimentos por habitante estagnaram ou reduziram-se. Na maioria dos países da Europa ocidental, porém as condições necessárias ao arranque desenvolvimentista puderam concretizar-se ou seja as produções agrícolas e minerais aumentaram, o Estado favoreceu o incremento dos meios de transportes, os capitais acumularam-se. Elites de homens de negócios impulsionaram o desenvolvimento económico⁷. Foi a Inglaterra que iniciou o surto expansionista no final do séc. XVIII, a França deu esse passo por volta de 1830. Mas só se realizou mais tarde em muitos outros países como: Alemanha a partir de 1850, a Suécia em 1868 e a Rússia depois de 1890.

Assiste-se assim, até 1914, a uma transformação profunda das estruturas económicas. Mas a evolução é mais ou menos rápida e dão se nela pausas sensíveis⁸. É lenta em França, com uma fase de aceleração sob o II império, uma suspensão depois de 1870 com a perda da Alsácia⁹ e da Lorena¹⁰, ao mesmo tempo que a agricultura atravessa uma crise profunda e a indústria e o comércio se mantêm tímidos.

⁷ Cf. DREYFUS, François – George e OUTROS. Historia Geral Da Europa 3: De 1789 aos nossos dias. Lisboa. Publicações Europa América. 1996. p.185.

⁸ Cf. Op.cit. DREYFUS, François – George e OUTROS. 1996. p.186.

⁹ Região do leste da França, compreendida entre as vertentes orientais dos Vosgos e o rio Reno. Tendo embora algumas colinas que não ultrapassam os 200m, é sobretudo constituída por uma planície que se desenvolve no sentido norte-sul, com 20 a 30 km de largura e cerca de 150 km de comprimento. A maior parte do solo baixo é constituída por loess e aluviões, donde a sua fertilidade. O clima, separado da influência marítima pela barreira dos vosgos, tem tonalidade continental, é seco, com menos de 500mm de precipitação anual, muito frio no Inverno e quente no verão. Velha região agrícola, nela predomina a pequena exploração familiar, embora estejam a efectuar-se emparcelamentos a fim de aumentar as possibilidades. As principais culturas são: vinha, ocupando as vertentes soalheiras, trigo, cevada, batata, beterraba açucareira, tabaco, lúpulo, e ainda frutas, sobretudo cerejas e maçãs. Nas indústrias extractivas tem especial interesse o petróleo, a norte, e a potassa, a sul; entre as transformadoras, a algodoeira é a mais antiga, datando do século XVIII, tendo hoje grande importância e variedade. Com o aproveitamento do Reno, desenvolveu-se a hidroeléctrica, e agora são muitas as indústrias, desde a metalurgia às construções mecânicas, refinarias e indústria química. É um importante núcleo de tecelagem do algodão.

¹⁰ Região económica e histórica da França. Abrange uma superfície de 23 540 km², com cerca de 2,3 milhões de hectare reparte-se por quatro departamentos (Meurthe et Moselle, Meuse, Moselle e Vosgos). A L., morfologicamente, une a parte ocidental de um maciço antigo, os vosgos, e parte oriental de uma

A partir de 1900 há uma nova aceleração. A Alemanha, por sua vez, passou por um rápido desenvolvimento depois de 1850, marcou passo com uma crise desde de 1873 até ao começo dos anos 80 e registou uma brusca aceleração a partir do final do século XIX, ainda com algumas perturbações (1900-1901,1907,1913) devidas precisamente ao ímpeto excessivo do motor económico.

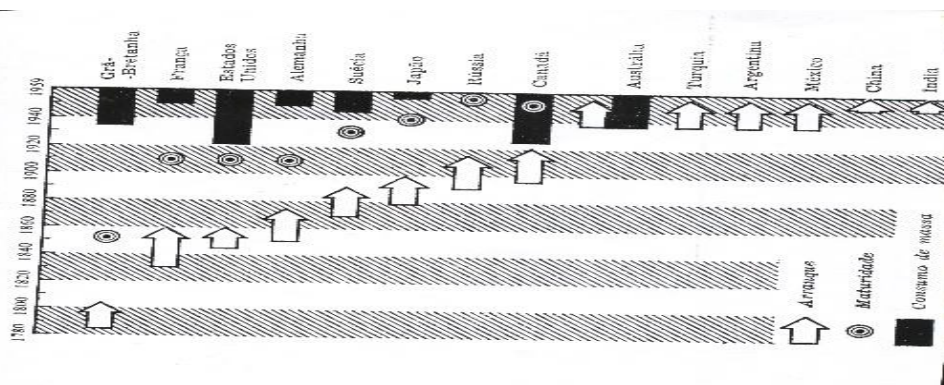
A Inglaterra, que beneficiava de um avançado e duma superioridade incontestável até 1880, entrou a seguir em acentuada depressão e foi-lhe necessário aguardar até 1905 para entrar numa renovada fase de prosperidade. A Rússia, inserindo-se tardiamente no movimento industrializador, só pelo final do século deu largo passo em frente. O arranque foi realizado graças a forte contributo de capitais estrangeiros. Mas a crise económica de 1901-1903 e o traumatismo político de 1905-1906 refrearam a evolução ascendente, que só recomeçou em 1909 e proporcionou à Rússia uma extraordinária expansão no período imediatamente a anterior à guerra.

Em relação a outros Estados podemos referir que na viragem do século a Itália conseguiu a viragem industrial e a Hungria conheceu um desenvolvimento espectacular das suas indústrias têxteis e metalúrgicas permitindo-lhe, no seio da monarquia Ducal, deixar de constituir uma atrasada região ruralista.

Todos os dados apresentados acima podem ser conferidos no gráfico (1) a seguir indicado:

Etapas de crescimento económico das grandes potencias industriais

bacia sedimentar, a bacia parisiense. Herdeira de uma antiga lotaríngia, pouco a pouco anexada à França, a L. nunca chegou a reconstituir. Foi sobretudo a economia que lhe deu unidade. Rica em ferro e em carvão, produz cerca de 65% do aço francês. Entretanto a industria está concentrada, permanecendo a maior parte do território ainda rural. A superfície agrícola útil representa 55,5% do total, a floresta 33,3% e o território não agriculturado 7,4%. A cevada, o trigo, a beterraba, a batata e a aveia constituem os principais produtos da agricultura. Possui grandes jazidas de ferro e hulha, hoje em decadência e em vias de reconversão, e reservas de sal-gema de grande valor. Além da siderurgia e de outras indústrias de base (petroquímica, gás, electricidade, cimento e adubos), desenvolveram-se várias indústrias de transformação: mecânicas, metal-mecânicas, pneumáticas, material ferroviário, máquinas agrícolas, de couro, químicas, mobiliário, alimentarem.



Fonte: W.W.Rostaw , Les étapes de la croissance économique, col. « Points » Le Seuil, 1970, p. 7. citado por RIOUX, Jean Pierre. 1996. pag.115

Pensa-se que não há dúvida de que a Inglaterra foi a impulsionadora deste grande evento do século XVIII que veio transformar radicalmente todas as sociedades do ocidente europeu atingindo as outras áreas do mundo.

Como nos diz Pierre Chaunu¹¹ nenhum país terá sido como a Grã-bretanha entre 1780 e 1800, um foco de invenções tão coerente e tão autónomo. Vários elementos tanto internos como externos contribuíram para que a Inglaterra fosse a pioneira do arranque do processo da industrialização.

Começaremos por falar da política expansionista levado a cabo pelos ingleses, transformando desta forma na rainha dos mares durante o século XVIII. A Inglaterra fez o possível e impossível para liquidar aqueles que para ela fosse ameaça para o maior aproveitamento das colónias no ultramar que para muitos constitui a fonte das matérias-primas para a indústria têxtil. É o caso da guerra franco-inglesa devido á prosperidade daquela levando esta a vantagem e a liquidação francesa como uma possível concorrente;

Também com a Espanha que constituía um forte ameaça para as colónias da América incentivando/ apoiando as províncias unidas na luta contra aquele país. Exemplos de factos que ilustram o poderio inglês na época são ainda: O acto de navegação¹² defendida por Oliver Crommuel, os enormes capitais obtidos em actividades comerciais anteriores como é caso do tráfico de escravos, acordos comerciais vantajosos para a Inglaterra com as metrópoles colonialistas como foi o caso de Portugal através do

¹¹ CHAUNU, Pierre. A Civilização da Europa das Luzes. Estampa Lda. Lisboa. 1985. p. 27.

¹² É uma politica segundo a qual nenhum barco estrangeiro podia transportar para a Inglaterra produtos que não fosse os produzidos no seu próprio país e ficando os barcos ingleses com o monopólio do transporte de todas as outras mercadorias das colónias para a Inglaterra.

Tratado de Methuen¹³ e a acção levada a cabo por William Cecil¹⁴ que, utilizando capitais provenientes do comércio e da venda de bens da igreja¹⁵; Fomentou a exportação da indústria têxtil e metalúrgico e a exploração mineira, abastecendo deste modo o mercado interno, evitando a saída de dinheiro e fornecer ao mercado externo os produtos que trariam à Inglaterra abundância de metais preciosos;

Convém salientar ainda que a Inglaterra tinha o controle do extenso mercado comprador de artigos industrializados constituído pelo seu próprio império colonial¹⁶ e os diversos países europeus com as suas colónias. A Inglaterra e oferecia os seus cidadãos e aos emigrantes a liberdade pessoal e económica, que originara da Revolução Gloriosa. Ela fora possuidora de grande reserva de carvão mineral em seu subsolo ou seja a principal fonte de energia para movimentar as máquinas e as locomotivas a vapor. Possuíam também grandes reservas de minério de ferro, a principal matéria-prima utilizada na época. A mão-de-obra disponível na altura devido as transformações e inovações agrícolas¹⁷ operadas na Inglaterra é caso dos enclosures¹⁸ permitiu por um lado, a criação extensiva de carneiros em grandes propriedades vedadas, que abasteciam de lã a florescente indústria de lanifícios e por outro lado elimina os pequenos

¹³ Tratado assinado em Lisboa, a 27 de Dezembro de 1703, entre Portugal (representado por D.Manuel Teles, marquês de Alegrete) e a Grã-Bretanha, que era representada por John Methuen, embaixador extraordinário e que deu o nome à convenção, também conhecida, inicialmente, por tratado da rainha Ana. Por este tratado, os «panos de lã e mais fábricas de lanifícios de Inglaterra» eram livremente admitidos «para sempre» em Portugal; em contrapartida, «haja paz ou guerra entre os reinos de Inglaterra e de França», os vinhos portugueses com destino à Inglaterra, «transportados em pipas, tonéis, ou qualquer outra vasilha que seja», pagariam menos um terço dos direitos «para igual quantidade ou medida de vinho de França». A infracção por parte da Inglaterra desta última medida acarretaria a perda das regalias alfandegárias concedidas aos tecidos ingleses de lã.

¹⁴ Barão de Burleigh estadista inglês durante os reinados de Eduardo VI e Isabel (1520/1598), secretário de Estado (1550/1553, 1558/1572), tesoureiro real (1572/1590) e membro do parlamento. Identificado com Isabel, desenvolve o comércio e a indústria, aumenta os rendimentos alfandegários, realiza importante obra de assistência em favor dos desprotegidos, restaura o poder militar do reino. Desempenha o papel de relevo na reforma religiosa da rainha, no julgamento e condenação de Maria Stuart, na luta contra a Espanha na derrota da armada invencível, na guerra de corso de Drake. In Enciclopédia Luso - brasileira de cultura. Editorial Verbo. Braga. 1998. P.530

¹⁵ Com a implantação do anglicanismo na Inglaterra muitos bens da igreja foram confiscados e vendidos pelos protestantes.

¹⁶ Embora tenha perdido as colónias americanas com a independência das mesmas em 1776, estas não deixaram de oferecer matérias-primas e de comprar os seus produtos acabados.

¹⁷ Várias são as inovações feitas pelos ingleses a nível agrícola, começando pela utilização de produtos químicos, plantas forrageiras para a alimentação do gado, eliminação do pousio e neste passou a ser feito a criação de gado que será utilizado tanto para a estrumeação dos campos e utilizados nas indústrias de lanifícios e laticínios.

¹⁸ Palavra inglesa que significa cercado ou vedado, utilizado pela primeira vez durante o século XVI e só a partir do século XVIII na Inglaterra pois tinha sido proibida pelo governo Tudor, no século XVI, por diversas razões, a vedação dos campos; mas a partir do século XVIII os nobres ingleses apoiados pelo absolutismo expulsaram os camponeses das suas terras comunais e apossaram-se delas.

proprietários os yeomen que irão constituir a abundante mão-de-obra barrata para as fábricas.

Por fim importa realçar que possuía uma burguesia rica e activa, detentora de um capital suficiente para financiar as fábricas, comprar as matérias-primas e máquinas e controlar empregados.

Como não podia deixar de ser, as colónias tiveram um papel importante na industrialização inglesa pois foram os principais fornecedores de matérias-primas, capitais e consumo ou seja 90% da produção ia para o exterior e, isto representava metade de toda a exportação inglesa¹⁹.

Até a 2ª metade do século XVIII, a grande indústria inglesa era a tecelagem de lã, mas a 1ª a mecanizar-se foi a do algodão, feito com matéria-prima colonial (E.U.A., Índia e o Brasil.), com a invenção do tear de tricotar meias (stoking Frame), inventado por um graduado da universidade de Cambridge, William Leen em 1598.

No final do século XVIII e no início do século XIX a Inglaterra era a principal potência industrial e comercial da Europa e do mundo passando de um situação predominantemente agrária para uma essencialmente industrial.

Sendo assim a Inglaterra transforma na 1ª potência industrial do mundo e o único país em que a população urbana excedia a população rural essa altura. Pode-se tirar esta conclusão com a análise do quadro abaixo:

Segundo um artigo de Atlas Histórico²⁰ entre 1870 a 1914 dá-se a chamada 2ª revolução onde a Europa continental e os E.U.A. foram palco. Durante a 2ª revolução industrial a Inglaterra manteve-se como um dos principais Estados fabricantes, mas foi a Alemanha que veria a manter a liderança na corrida para a supremacia industrial. Expandiu as suas firmas industriais de carvão, ferro e têxteis mas também, tomou a liderança no desenvolvimento de novas indústrias como a química e a produção de electricidade. Houve uma notável expansão na venda de produtos manufacturados, bem como das suas exportações de invisíveis (bancários, seguros, navegação). Esta expansão não foi preponderante na medida em que a economia atravessava uma grande depressão nos anos de 1870 e 1880 e que afectava a maioria das economias europeias. Na maioria das economias, incluindo as novas concorrentes tais como a Suécia, Itália e a Rússia, o crescimento industrial foi particularmente prenunciado no período de 1896/1914. A 1ª

¹⁹ Extraído da <http://www.Cult.Brasil.Pró.br/revol>.

²⁰ Cf. Atlas Histórico-editorial enciclopédia. Limitada. Lisboa/ Rio de Janeiro. 1991. p.210.

revolução industrial foi denominada de uma revolução de carvão e do ferro enquanto a segunda se apelidou de uma revolução do aço e da electricidade²¹.

Na 1ª metade do século XIX, sublinha-se na obra atrás citada o Reino Unido era o mais importante país industrial do mundo, mas fábricas modernas com máquinas a vapor podiam também ser encontradas nalgumas regiões do continente europeu. As minas de carvão eram os mais importantes centros industriais em crescimento. As maiores extensões de carvão eram aquelas situadas no departamento norte da França, os vales de Sambre e de Meuse na Bélgica e o Vale de Rur na Alemanha. Em qualquer outra parte do continente o progresso dirigido à industrialização estava largamente confinado nas cidades capitais, nos centros de comunicação, nos maiores portos e em determinados distritos tais como as regiões de têxteis de Lille, Roubaix, Mulhouse, Barmem- Elberfeld(wuppertal), Chemnitz, Lodz, e Moscovo, enquanto o ferro e os centros de engenharia nas regiões carbonífera da Bacia de Loire, o Saar e Alta Silésia²². O crescimento industrial no mundo propiciou avanços tecnológicos traduzidos na invenção de máquinas ao longo do processo da industrialização.

Quando aparecia uma necessidade nova, o homem europeu sentia-se obrigado a encontrar soluções para resolver o problema.

Este período ficou marcado pelo grande salto tecnológico nos transportes e máquinas. As máquinas a vapor principalmente os gigantes teares revolucionaram o modo de produzir, levando desta forma ao abaixamento dos preços dos produtos e acelerou o ritmo da produção. Uma primeira transformação industrial atingiu o seu ponto irreversível com a invenção de primeira máquina a vapor de utilização prática por James Watt ²³ em 1784, mas teve como antecedente uma outra transformação técnica que afectou inicialmente sobretudo a Inglaterra a produção de têxteis para a mecanização das máquinas de fiar e tecer, a partir de 1733.

Na área dos transportes podemos destacar a invenção das locomotivas e dos trens ao vapor. Com estes meios de transportes foi possível transportar mais mercadorias e pessoas num tempo mais curto e com custos mais baixos. Os sectores industriais primeiramente atingidos foram a produção de tecidos de algodão e siderúrgica. Mas

²¹ Cf. Op.cit. Atlas Histórico - editorial enciclopédia. Limitada. Lisboa/ Rio de Janeiro. 1991. P-212.

²² Cf. Op. cit. Atlas Histórico – P. 210- 1º parágrafo.

²³ Watt James – engenheiro mecânico escocês nascido em Greenock, pequena cidade perto de Glasgwa, a 19-01-1736 e morreu em Heathfield perto de Birmingham, a 19-08-1819. Era filho de um carpinteiro, tendo na juventude recebido muito pouca instrução, tanto pela falta de recursos da sua família, como também pela pouca saúde. Não obstante já desde a sua meninice começou demonstrando extraordinárias aptidões para a mecânica, construindo, guiando apenas pelo seu instinto engenhosos aparelhos e instrumentos.

também é de salientar que devido aos prémios em dinheiro oferecidos pelas entidades aos possíveis inventores eles passaram a contar com os seguintes melhoramentos:

Em primeiro lugar na indústria têxtil – a spinning Jenny (1767), o bastidor hidráulico (1769), a mula (1779), o tear mecânico (1785) e o descaroçador mecânico (1792); máquinas de fição (as três primeiras) tecelagem e beneficiamento do algodão, respectivamente;

Em segundo lugar na indústria siderúrgica, o processo da pudlage (1784), que aumentava a resistência do ferro fundido; o laminador (1786) para fabricação de chapas, o conversor (1856) para obtenção de grandes quantidades de aço. No entanto a máquina a vapor aperfeiçoada por James Watt em 1784 constitui o elemento tecnicamente mais importante da Revolução Industrial ou seja a mais eficiente fonte de energia mecânica disponível.

3. Etapas da revolução industrial à escala mundial:

Embora persista uma certa discordância entre os vários autores relativamente a este capítulo é o caso de Rioux, Beauchamp, Rémond, Ashton, entre outros onde cada um apresenta números de etapas diferentes achamos por bem ter em conta três diferentes fases:

1ª Fase que vai de 1760 a 1850, onde a revolução se restringe à Inglaterra que conforme adianta Hobsbawm²⁴ se tivesse que haver uma corrida para o lançamento da revolução industrial no século dezoito, só haveria na verdade um competidor; onde o avanço industrial e comercial era apreciável, fomentado por ministros e funcionários públicos inteligentes e conhecedores da economia. Assim a Inglaterra transformara na chamada «oficina do mundo» com a preponderância na produção dos bens de consumo, concretamente os têxteis²⁵ e a energia a vapor²⁶.

A 2ª Fase vai de 1850 a 1900 a partir daqui a revolução industrial atinge a Europa continental, a América e Ásia: Bélgica, França, Alemanha, EUA, Itália, Japão, Rússia. Logo cresce a concorrência, a indústria de bens de produção se desenvolve, as ferrovias se expandem, vão surgir novas formas de energia, como a hidroeléctrica e a derivada do petróleo. Dá-se também a revolução dos transportes que efectivamente a ideia de aplicar o vapor aos transportes é pela primeira vez experimentada em França no século XVIII,

²⁴ Cf. HOBSBAWM, E. J. A Era das Revoluções. Editorial Presença. Lisboa. 1962. p. 37.

²⁵ Uma vez que o país possuía matérias-primas abundantes, a lã obtida da criação do gado nas grandes propriedades cercadas e o algodão proveniente das colónias americanas e da Índia.

²⁶ Vêm na mesma sequência, pela presença das minas internas de carvão (a hulha).

mas foi em Inglaterra, no início do século XIX, que a combinação da máquina a vapor e do carril se impõe definitivamente.

Nos adianta Rioux²⁷ que as novas indústrias dominantes não modificam fundamentalmente os antigos equilíbrios, isto é, permitem simplesmente às economias dominantes aumentar o seu poderio, criar novos focos de industrialização no mundo. Na mesma linha de pensamento diz ainda que o tempo do petróleo, da electricidade e da química, novos sectores de crescimento podem substituir as velhas produções industriais já em desgaste, mas não modificam fundamentalmente o equilíbrio anterior.

A 3ª fase vai de 1900 aos nossos dias. A partir desta fase surgem conglomerados industriais e multinacionais frutos da livre concorrência e do monopólio capitalista. Verifica-se a automatização da produção; aparece a chamada produção em série e explode a sociedade de massas, com a expansão dos meios de comunicação. Há um aperfeiçoamento da indústria química e electrónica, a engenharia genética, a robótica²⁸.

4. Consequências

As consequências da Revolução Industrial revelaram-se ao nível demográfico, económico, social e no que se refere ao crescimento urbano, com efeitos no êxodo rural

4.1. Demográfica

Por volta de 1750, a população europeia, contava com cerca dos seus 160 a 170 milhões de habitantes, representando aproximadamente um quinto da população mundial. Segundo nos diz Ashton as alterações não se verificaram apenas a nível industrial mas também sociais e intelectuais²⁹, entre os século XV e meados do século XVIII é caracterizado por sucessões de quebra brutal e de recuperação demográfica que chegam a uma situação estável da população. Verifica-se um notável crescimento da população, inclusive de jovens e crianças, este aumento deve ter sido provocada pelo aumento da natalidade e a consequente baixa da mortalidade.

Diz-nos Rioux³⁰ que este fenómeno vai ampliar – se no decurso do século XIX, fazendo da Europa o mais importante fornecedor de emigrantes excepcionando o caso

²⁷ Cf. RIOUX, Jean Pierre. A Revolução Industrial. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1996.p.113.

²⁸ [http:// WWW. Cultura.brasil. Pró.br/ revolucao industrial. htm](http://WWW.Cultura.brasil.Pró.br/revolucao.industrial.htm).

²⁹ ASHTON, T. S. A Revolução Industrial. Porto Editora. Publicações Europa/América. Lisboa. 1955.p.20 a 24.

³⁰ RIOUX, Jean Pierre.1996. p.36.

da França em finais do século XVIII com uma baixa na fecundidade. É nesta óptica que Beauchamp Chantal³¹ afirma que no quadro de um sistema produtivo maioritariamente agrícola, dominado pelos métodos tradicionais, este aumento tendencial da população europeia no seu conjunto, prosseguindo durante várias décadas, fragiliza as economias³²; Isto estaria na base de algumas modificações que se verificaram com a Revolução Industrial de entre as quais passamos a citar: o desenvolvimento das áreas carboníferas fez deslocar a área mais populosa do sul e leste para o norte e para Midlands, isto é o caso inglês. A entrada de adultos, jovens e crianças para o campo de trabalho como mão-de-obra fabril terá contribuído para o melhoramento do nível de vida e do conforto e padrões de bem-estar. Um maior desenvolvimento e urbanização, a organização dos operários em classe, o casamento em idades mais novas e a mais numerosa devido ao declínio do sistema de aprendizagem³³ na indústria.

A baixa da mortalidade é uma das razões para o aumento da população. Segundo Ashton³⁴ entre 1740 a 1820 a taxa da mortalidade desceu quase continuamente desde uma média de 35,8 referente aos dez anos até 1740 para 21,1 no decénio que termina em 1821.

Aponta o autor, aponta vários factores para esta mudança entre os quais destacamos:

- A introdução das colheitas de tubérculos³⁵ que tornou possível alimentar mais gado nos meses de Inverno. Esta situação facilitou o fornecimento de carne fresca durante todo o ano.
- A substituição dos cereais inferiores por trigo e o maior consumo de cereais melhorou a resistência dos indivíduos às doenças.
- A melhoria da higiene pessoal levou à diminuição do perigo de infecção ligada ao uso frequente de sabão.
- Também o uso de roupas interiores de algodão, mais barata, que veio na sequência da proibição do uso da lã importada da Índia.

³¹ BEAUCHAMP, Chantal. 1998. p.20.

³² É a partir daí que Malthus publica um ensaio sobre o princípio da população em 1789, na qual consta a preocupação do autor, em descrever o ritmo do crescimento da população que tende a ser superior ao ritmo do crescimento dos recursos ou seja enquanto que a população tende a aumentar segundo uma progressão geométrica de razão dois, enquanto as subsistências crescem apenas segundo uma progressão aritmética de razão um.

³³ Refere ao sistema de promoção mais frequente nas corporações.

³⁴ Cf. Op.cit. ASHTON, T. S. A Revolução Industrial. Publicação Europa/América. Lisboa. 1955. p.24.

³⁵ Herança cultural da expansão marítima dos séculos XV ao século XVIII, pois a batata é de origem americana.

- A utilização de paredes de tijolos em vez de madeira e de pedra ou ardósia e em vez de colmo nos telhados bem como o afastamento das habitações operárias de muitas actividades manufactureiras, nocivas, trouxe mais conforto doméstico.
- A pavimentação das cidades mais importantes e dotação de esgotos e de água corrente também permitiram a mudança em referência
- O progresso da medicina e da cirurgia, o aumento de hospitais e dispensários, a maior atenção na distribuição dos lixos e ao conveniente enterro dos mortos igualmente favoreceram as transformações havidas.

Sublinha, finalmente, Rioux,³⁶ a revolução demográfica foi um estímulo importante, um incitamento ao crescimento, mas nunca uma condição suficiente para prová-lo.

Confira as afirmações à cima com os dados no seguinte quadro:

Observe o quadronº1

Crescimento mundial da população (1750/1900)

Em milhões de habitantes

	1750	1800	1850	1900
Europa	140	187	266	420
França	23	27,3	35,7	38,9
Grã- Bretanha	7,4	15	22,9	38
Irlanda	3,1	5,1	6,6	4,4
Bélgica e Países baixos	4,2(?)	5	7,4	11,8
Suíça	1,4	1,7	2,3	3,3
Itália	13,6	18,1	24	32,4
Alemanha	17(?)	23	35,9	56,3
Áustria-Hungria	10(?)	28	35	49
Países escandinavos	3,4	4,2	6,3	9,9
Rússia europeia	14,5	36	57	103
Espanha	8,6	10,5	15	18,6
Portugal	2,8	2,9	3,4	5,6
Ásia	437	500	672	850
China	180(?)	210(?)	250(?)	350(?)
Japão	26(?)	26(?)	28(?)	44,8
Índia	(?)	120(?)	175(?)	285

³⁶ Cf. RIOUX, Jean Pierre. A Revolução Industrial. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1996. p.36.

África	(?)	100(?)	110(?)	140
América do Norte e Central	3(?)	12	40	103
Canadá	0,1	0,3	3	5,4
EUA	1,5(?)	5,3	23,1	76
América do Sul	(?)	15	20(?)	63
Oceânia	$\frac{2}{2}(\frac{?}{?})$	$\frac{2}{2}(\frac{?}{?})$	$\frac{2}{2}(\frac{?}{?})$	$\frac{6}{6}$

Fonte: RIOUX(1996).p.33.

4.2. Económicas

Várias foram as consequências que se verificaram a nível económico entre as quais de forma resumida temos:

O surgimento do capitalismo financeiro – A primeira Revolução Industrial teve como uma das suas principais consequências o desenvolvimento do capitalismo industrial; onde as empresas eram geralmente de base familiar, cujos sócios dirigem pessoalmente os serviços. O movimento dos capitais que criam condições novas do crescimento, isto porque, para que uma empresa industrial passe a produzir em grande quantidade e adquirir materiais suficientes, deve-se investir mais, ou seja, segundo Pierre Rioux têm necessidade de recorrer ao crédito.

- A formação dos grandes conglomerados económicos – Na primeira Revolução Industrial ocorreu o desenvolvimento do liberalismo económico, que se baseava na livre concorrência. Esse sistema por sua vez, criou condições para que as grandes empresas eliminassem ou absorvessem as pequenas empresas através de um processo cujo resultado foi a substituição da livre concorrência pelo monopólio³⁷.
- Processo de produção em série – As mercadorias passaram a ser produzidas de maneira uniforme e padronizada.
- A expansão do imperialismo – As potências capitalistas necessitava de mercados externos que servissem de escoadouro para seu excedente de mercadorias. É nesta óptica que a partir do século XIX dá a partilha de

³⁷ O monopólio surgiu da concentração da produção que atingiu um altíssimo grau de desenvolvimento. Implicaram um controlo crescente sobre as principais fontes de matérias-primas, sobretudo na indústria fundamental e mais cartelizada da sociedade capitalista: a hulha e do ferro. Os bancos tiveram um papel de destaque, considerados anteriormente modestos intermediários, transformaram-se nos senhores dos capitais, fruto da união entre o capital industrial e o capital financeiro, concentrando nas suas mãos biliões e biliões, que representam a maior parte dos capitais e dos rendimentos de todo o país.

África no intuito de obtenção do mercado para os seus produtos industriais.

4.3. Sociais

As consequências mais graves foram de ordem social ou seja a transição para a nova economia criou miséria e descontentamento, isto é, os ingredientes para a revolução social. E na verdade a revolução social eclodiu sob a forma de sublevações espontâneas dos explorados urbanos e da indústria³⁸

Assim a Revolução Industrial alterou profundamente as condições de vida do trabalhador braçal, provocando inicialmente um intenso deslocamento da população rural para as cidades, com enormes concentrações urbanas. A produção em larga escala e dividida em etapas irá distanciar cada vez mais o trabalhador do produto final, já que cada grupo de trabalhadores irá dominar apenas uma etapa da produção. Na esfera social, a principal consequência da revolução foi o surgimento do proletariado urbano (classe operária), como classe social definida. Vivendo em condições deploráveis, tendo o cortiço como moradia e submetido a salários irrisórios com longas jornadas de trabalho, a classe operária nascente era facilmente explorada, devido também, à inexistência de leis trabalhistas. Mas diz-nos este autor que o descontentamento não se circunscrevia aos trabalhadores pobres. Pequenos negociantes inadaptados, pequenos burgueses, sectores particulares da economia, todos eles foram também vítimas da revolução industrial e das suas ramificações.³⁹

O desenvolvimento das ferrovias irá absorver grande parte da mão-de-obra masculina adulta, provocando em escala crescente a utilização de mulheres e crianças como trabalhadores nas fábricas têxteis e nas minas. O agravamento dos problemas sócio-económicos com o desemprego e a fome foram acompanhados de outros problemas, como a prostituição e o alcoolismo.

Sendo assim os trabalhadores reagiram das mais diferentes formas, destacando-se o movimento *ludista*⁴⁰, as destruições de máquinas foram organizadas de maneira sistemática, são na maioria dos casos, uma reacção dos trabalhadores domiciliários que receiam a desemprego brutal, a perda definitiva da sua actividade e do modo de vida semi-rural que lhe está associada. Na Inglaterra uma das primeiras destas destruições de

³⁸ Cf. HOBSBAWM, E. J. A Era das Revoluções. Editorial Presença. Lisboa. 1962. p. 46

³⁹ Cf. Op. cit. HOBSBAWM, E.J. A Era das Revoluções. Editorial Presença. Lisboa. 1962. p.46.

⁴⁰ A designação de ludista advém de Ned Ludlan, o grande impulsionador da destruição das máquinas por operários, uma vez que a introdução da maquina- factura vai levar uma grande massa de operários ao desemprego, o que gera um sentimento de revolta e de ódio contra as máquinas.

máquinas é a de leicester, contra as máquinas de fabricar meias, e cartista⁴¹, dá-se desta maneira a criação de sindicatos para a defesa e obtenção dos direitos dos operários que viviam em condições mínimas e para não dizer que muitas das vezes viviam em péssimas condições.

Salienta-se ainda a formação de associações denominadas "trade-unions", que evoluíram lentamente nas suas reivindicações, originando os primeiros sindicatos modernos. O objectivo desta associação era a conquista de uma certa autonomia no trabalho e de uma capacidade de influir na organização interna da fábrica por isso o sindicato desempenha sobre tudo o papel de um meio de pressão nas mãos de um grupo restrito. Diz-nos Beauchamp⁴² que o sindicato não exclui a violência das lutas, antes de entrar numa acção de força as reivindicações são cuidadosamente medidas por vezes muito «técnicas». Diz-nos ainda ele que as cotizações para as trade-union são elevadas pois o sindicato gere a sociedade de socorro mútuo que apoia financeiramente os trabalhadores em caso de greve segundo René Rémond esta revolução provoca alterações de várias ordens. O trabalho humano, a relação do homem com o seu trabalho, são profundamente afectados. A revolução industrial modifica igualmente as relações dos homens entre si.

Neste período a mão-de-obra vem do campo. Reúnem-se aqui dois fenómenos o crescimento da indústria com a concentração de mão-de-obra á volta das manufacturas e o êxodo rural esvazia progressivamente o campo. São esses operários de origem rural que irão constituir os batalhões da nova indústria, que povoam as manufacturas, as oficinas. Constituem uma classe inteiramente nova, uma realidade social original. Como o crescimento das unidades industriais pressupõe a existência de capitais logo surge também uma categoria relativamente nova de dirigentes industriais ou empresariais que dispõe de capitais ou recorrem ao crédito.

A disparidade dos tipos de vida, a desigualdade dos recursos acabam por criar como que duas humanidades diferentes diz René Rémond⁴³ nesses termos de um lado o capitalismo industrial, financeiro e bancário e de outro lado a massa assalariada que só tem capacidade de trabalho físico, que não possui reservas, nem recursos, uma mão de

⁴¹ Cartista, refere-se ao movimento organizado pela Associação dos Operários, que exigia melhores condições de trabalho e o fim do voto censitário, o que significava produzir alterações na carta constitucional por forma a garantir aos operários o direito de voto e a possibilidade de alterar o status quo vigente na época.

⁴² BEAUCHAMP, Chantal. A revolução Industrial e o Crescimento Económico no século XIX. Edições 70.Portugal.p.206.

⁴³ RÉMOND, René. Introdução à História do Nosso Tempo. Lisboa. Gradiva. 1994.p.203.

obra não qualificada vinda do campo e que vê obrigada a aceitar a primeira oferta de emprego que encontra. Estes dois grupos se diferenciam também em outro aspectos da vida social: no acesso à instrução, na participação na vida política, no tipo de habitação. São duas populações que só se encontram na altura do trabalho e que só tem relação de comando e de subordinação. Os seus interesses são diferentes, os patrões querem baixar o salário, enquanto que os trabalhadores vão defende-los.

As condições de trabalho são as mais duras possíveis; trabalhavam tanto tempo quanto á iluminação ou a luz do dia lhes permitiam, ou seja, até 15 ou 17 horas por dia. Sem descanso nem mesmo ao domingo, a supressão da maior parte das festas religiosas, feriados, reduzindo as possibilidades de descanso do ou de repouso dos trabalhadores. A obrigatoriedade do trabalho infantil desde a tenra idade e a não reforma dos idosos. Acrescenta René Rémond de que para além da revolução industrial, a condição operária se agravou devido a dois factores: o egoísmo dos possidentes e do crescimento demográfico e que a conjugação desses dois factores faz da condição operária no século XIX algo de pavoroso⁴⁴.

O divórcio entre capital e trabalho resultante da Revolução Industrial, é representado socialmente pela polarização entre burguesia e proletariado. Esse antagonismo define a luta de classes típica do capitalismo, muito bem explorado pelos movimentos Marxistas. Segundo o pensamento de Marx esta luta define as condições históricas da passagem do capitalismo para o comunismo. A economia industrial capitalista, a reduzir progressivamente a massa dos habitantes ao estado de proletariados (O proletariado que significa um grupo social que, segundo a definição do próprio manifesto comunista pode ser alargado ao conjunto dos assalariados), despojados, explorados, alienados é certo, mas concentrados e indispensáveis, cria as condições do seu aniquilamento e da sua superação.

A classe operária nas suas lutas múltipla. Torna-se esse proletariado portador do projecto de libertação de toda humanidade, nomeadamente através da socialização dos bens de produção e grupo actuante contra todas as forças económicas sociais e políticas inimigas desse projecto. Podemos afirmar que segundo esse pensamento haverá uma destruição da sociedade capitalista e a formação de uma sociedade comunitária através da luta de classes entre a burguesia detentora dos meios de produção e do capital e proletariado detentor da força de trabalho. Podemos ainda afirmar que na visão dos

⁴⁴ Cf. RÉMOND, René. Introdução à História do Nosso Tempo. Lisboa. Gradiva. 1994.p.204.

marxistas⁴⁵ haverá um retorno ao socialismo, onde o proletariado cansado de tanta exploração e injustiça sentirá a necessidade de se libertar e criar novas oportunidades para esta classe desfavorecida.

4.4. Consequências a nível do crescimento urbano e êxodo rural,

A cidade não é um fenómeno novo e próprio da idade contemporânea nem um traço original. Sempre houve cidades, remontam a séculos muito recuados e tem como espaço privilegiado as regiões do crescente fértil como no Egipto, na Mesopotâmia, nos vales do indo etc. ligada á cidade nasce o conceito de civilização e o modo de vida urbana em cuja a Grécia reclama maternidade. Contudo no século XIX dá-se um fenómeno novo, aglomerados urbanos de mais de cinco mil habitantes reuniram, por volta de 1800 cerca de 7% da população mundial, em 1850 cerca de 13% e em 1900 cerca de 25%. René Rémond⁴⁶ sublinha que a inovação das cidades contemporâneas se efectua duplamente, mudança qualitativa e quantitativa. Desde 1800 o fenómeno urbano sofreu uma irresistível aceleração: pequenas cidades tornam-se grandes cidades, grandes cidades tornam-se cidades gigantescas, multiplicam-se o nº total das cidades. Este fenómeno manifestou-se 1º na Europa e alastrou-se para outros continentes. Até 1801 só existiam 23 cidades com mais de 100 000 habitantes para meados do século encontrarmos 42 cidades e para 1900 com 135 cidades. Em 1913 mais de 15% dos europeus viviam nas cidades⁴⁷.

Quanto á amplitude geográfica da vaga urbana, na Ásia e África verifica-se uma sonolência geral com excepção do Japão, na América e na Europa assiste-se a uma arrancada brutal em todas as zonas ligadas ao capitalismo. Analisando o quadro a baixo verifica-se um aumento gradual da população de algumas cidades europeias em relação à população rural:

Quadro nº2

⁴⁵ Segundo esta doutrina, a história das sociedades tem sido sobretudo a da luta de classes, na qual se observa um definido desenvolvimento progressivo. Das lutas de classe do passado resultou o sistema burguês de produção, a que corresponde uma ordem social burguesa. Esta ordem social apresenta também as suas lutas e antagonismos, distintivos e peculiares do sistema burguês de relações sociais objectivas. A forma de luta de classes, historicamente condicionada característica da época burguesa, é a luta entre a burguesia e o proletariado. Aliás, não se deve crer que a ideia da importância da luta de classes como força motriz das transformações sociais constitui uma descoberta de Karl Marx, pois que a encontramos em quase todos os doutrínários radicais posteriores à Revolução Francesa.

⁴⁶ Cf, op. Cit. RÉMOND, René. Introdução à História do nosso tempo: Do Antigo Regime aos Nossos Dias. Gradiva- Publicações, Lda. Lisboa. 1994. pp.225 a 226.

⁴⁷ Cf, op. Cit. RÉMOND, René. 1994. p. 226.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA E DA POPULAÇÃO RURAL (1850/1914)

Países	Anos	População Total (Em milhões)	População Rural		População urbana	
			Em milhões	Em %	Em milhões	Em %
Inglaterra + Países de Gales	1851	18	9	48	9	52
	1881	26	8	31	18	69
	1911	36	8	22	28	78
Reino Unido	1851	26	14	52	12	48
	1881	33	12	37	21	63
	1911	46	13	27	33	73
Alemanha	1871	41	26	64	15	36
	1891	49	23	47	26	53
	1911	65	26	40	39	60
EUA	1840	17	15	15	2	11
	1870	39	29	74	10	26
	1890	63	41	65	22	35
	1910	92	41	54	42	46
França	1851	36	27	75	9	26
	1886	38	24	64	14	36
	1911	40	22	56	18	44
Rússia	1851	59	55	93	4	7
	1900	110	96	87	14	13
	1914	142	114	81	28	20

Fonte: RIOUX (1996). p.169

Na Europa onde os grandes proprietários apoderaram-se dos pequenos e médios latifúndios ou onde os camponeses não puderam acompanhar os progressos agrícolas tendo que abandonar suas terras ou vende-las a baixo preço e com a prática dos enclosures, dirigiram-se para as cidades em busca de emprego aumentando deste modo a plebe urbana. Porém o crescimento urbano não se deveu apenas a esse factor, o crescimento demográfico do século XVIII e a explosão ocorridas na Europa permitiu a expansão urbana pelo facto de haver uma forte pressão sobre o espaço de cultivo. As cidades tornaram-se por conseguinte pólos de atracção das indústrias que necessitam dessa mão-de-obra disponível e a baixo salário. Dá-se portanto a correlação entre a indústria e a cidade. A rede de influência urbana tecida por meio de capitais estima a industrialização geral da cidade.

A cidade, suas fábricas e oficinas se impõem como centro de distribuição dos bens e serviços e de capitais.

As cidades ganham ainda a função comercial de maior dimensão com as formas modernas de distribuição, o aparecimento de grandes armazéns, a ampliação dos entrepostos, criaram-se novos empregos e tipos sociais inéditos: empregados de lojas, caixeiros, empregados de distribuição, empregados bancários, generaliza-se o ensino e recruta-se muitos docentes. Enfim, multiplica-se o emprego de funcionários. É nas cidades que todas essas novas categorias aspiram instalar-se.

Se a cidade é uma esperança de um trabalho melhor, regular e remuneratório, e a fuga a irregularidade dos trabalhos do campo e muitas vezes a incerteza das colheitas, a entrada na economia regulada por dinheiro, a miragem de uma vida mais fácil ou menos monótona com distrações mais frequentes aparece o contraditório o factor psicológico: o stress e simultaneamente a liberdade e a solidão. Os desperdícios, a ordem e a segurança são frequentemente ameaçados: catástrofes naturais, grandes epidemias flagelos sociais acompanham o crescimento das cidades: miséria, criminalidade, delinquência, prostituição, desemprego crónico, falta de saneamento básico, habitações pouco confortáveis principalmente para quem vem das zonas periféricas⁴⁸.

As consequências como pressão da multidão urbana sobre o poder. O receio leva os governos a tomarem disposições preventivas criando forças policiais reforçar a vigilância, estabelece-se o sufrágio universal.

Acentuam-se as desigualdades sociais, o divórcio entre ricos e pobres, empregadores e empregados, patrões e assalariados enfim crescem os grandes problemas.

As consequências verificam-se ao nível das mudanças nas relações entre campo e cidades, o sentido de influências invertem-se. A cidade torna-se o modelo admirado, imitado e reproduzido na agricultura, tudo se urbaniza, se industrializa, se comercializa e o ensino é concebido pelos e para os cidadãos⁴⁹.

Os vários problemas colocados pela concentração urbana fizeram surgir a urbanização: criação de redes de esgoto, redes de água, criação de cidades novas com novos estilos.

⁴⁸ MARTINS, António e OUTROS. Trabalho Académico elaborado no âmbito da disciplina de História Contemporânea. Praia, ISE. 2005. p.23.

⁴⁹ RIOUX, Jean Pierre. A Revolução Industrial. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1996. p.78.

5. Crises da revolução industrial

Tendo em conta essa estrutura do mundo da revolução industrial, a nível económico ela parece muito firme no seu poder. E os europeus que nela viram a marca do progresso da humanidade não se enganaram. É essa a razão por que aqueles a quem tal empresa trazia proveito foram muito pouco sensíveis aos acidentes e às crises que muito cedo esta nova empresa vai gerar.

Como frisa Jean Pierre Rioux⁵⁰, o século XIX, é fundamentalmente optimista, pleno de uma euforia Saint-Simoniana e cientista, os contemporâneos dão-se conta das crises, da sua periodicidade, dos seus malefícios sociais, as deles só apresentam explicações monetárias, ligando-as a um excessivo de investimentos. Diz-nos ainda o autor de que apesar dos laços que unem os economistas liberais e alguns raros homens de negócios, nunca as teorias das crises são conhecidas e discutidas e sobretudo, nunca são ao desregramento da produção ou do lucro. Só os economistas obstinados e alguns espíritos melancólicos e impressionados pela miséria da classe operária as perscrutam com insistência, certos de aí encontrarem os mecanismos secretos da nova economia, porque mais que os seus vícios é todo o sistema que a crise põe a descoberto.

Do ponto de vista dos contemporâneos segue-se, passo a passo, as crises mais agudas como o Antigo Regime, caracterizado por um sub produção agrícola, que se estende em seguida ao comércio e à indústria, tal como, aconteceu em França nas vésperas da revolução de 1789, com a sua penúria, com os seus açambarcamentos, as suas greves, os seus transportes de cereais pilhados, já não aparece com nitidez no século XIX. A uma economia nova corresponde a crises novas e uma outra crise é a denominada crise de reconversão em 1816 onde a Grã-Bretanha tinha estado em guerra com a França desde 1793 tinha aumentado as suas despesas públicas e militares, tinha emitido muita moeda e favorecido a sua agricultura, na qual os preços dos géneros se tinham aumentado. Os industriais ingleses pensam poder inundar de produtos têxteis e mecânicos uma Europa que lhes tinha sido em grande parte fechada pelo bloqueio continental. Entretanto, a Europa empobrecida, melhor dominada pelos produtos franceses e belgas, não absorve a quantidade de produtos esperados levando à acumulação de stock. O prosseguimento do comércio internacional permite a entrada de produtos alimentares importados contribuindo para uma grande quebra nos preços dos

⁵⁰Cf, op. Cit. RIOUX, Jean Pierre. A Revolução Industrial. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1996. pp.159 a 160.

produtos agrícolas ingleses. Os sectores da economia são todos afectados, ao mesmo tempo que um mau ano agrícola agrava a miséria e a agitação social em 1817. Os EUA surpreendidos pelo ressurgir do comércio inglês vêem as suas exportações a diminuir. A França vai conhecer uma grave crise agrícola que não pode compensar com as vendas industriais, face à concorrência inglesa. Dai, dá-se a imobilização de todos os sectores a uma escala que começa a ser mundial.

Depois a estagnação industrial e comercial permite o escoamento dos excedentes e a economia volta a arrancar em 1818, sem sobressaltos, a ponto de concluírem que era impossível uma crise de superprodução prolongada e que o equilíbrio rápido e aventureira dos bancos provocando em 1826 um grave recuo do sector têxtil e de suas repercussões.

Seguem-se outras crises entre as quais se destacam a de 1836/1839 a conhecida crise financeira que atinge a Grã-Bretanha e os EUA após arriscadas especulações aventureiras em Portugal e na Espanha de uma alta de algodão; a de 1846 e 1851 que sobrevém uma das mais profundas depressões do século, modelo de «crise mista» como a caracteriza Rioux(1996). É uma crise agrícola e de tipo antigo nas suas origens, com a doença da batata na Irlanda, as más colheitas de algodão nos EUA, as altas dos preços dos cereais após a congelação das sementeiras da Europa, no duro Inverno de 1846/1847 complica-se ainda mais com crise financeira que advém na sequência da exigência por parte das campanhas ferroviárias apressadamente constituídas há alguns anos, pediram aos seus accionistas depósitos complementares para terminarem as suas construções. Regista-se a falta de crédito externo por este ter sido mobilizado para as indispensáveis importações de trigo, sobretudo o russo. A partir dali houve uma evolução muito rápida da produção o que levará à 1ª crise de super produção agrícola, o trigo americano já não exportada em virtude das boas colheitas europeias e do recomeço dos fornecimentos russos após a guerra da Crimeia. Os norte americanos para obterem os produtos manufacturados na Europa, contraem empréstimos maciços em Londres, desencadeando deste modo uma crise de crédito; uma nova crise aparece em 1866, quando houve a paragem dos fornecimentos de algodão pelos EUA obrigando as indústrias europeias a abastecerem-se apressadamente e a elevados preços na Índia e no Egipto, o que desencadeia uma crise financeira muito viva. EUA, Grã-Bretanha, Alemanha, França, todas as grandes potências são, pela 1ª vez atingidas ao mesmo tempo pela difusão internacional dos capitais e a extensão das áreas de abastecimento alargam a crise ao conjunto do mundo industrializado. Por fim, em 1873, começa a crise

que para muitos constitui o sinal da era contemporânea, nascida nos países mais recentemente industrializados, EUA e Alemanha, estende-se ao conjunto do mundo capitalista, estando ligado a uma superprodução generalizada dos industriais têxteis e siderúrgicos.

A queda brutal e consequente dos preços, dos salários e dos lucros manifesta a maturidade do sistema que a liga. Esta superprodução (dos produtos) da produção dos produtos das indústrias, esta sujeição do mundo ao jogo dos capitais das primeiras potências industriais, assinala a escala internacional o limite cronológico deste estudo.

A Revolução Industrial triunfou definitivamente centrada na Grã-Bretanha, EUA, França, Alemanha, ela permitiu-lhes dominar o mundo daí que o grande problema já não vai ser produzir, mas vender e repartir entre si e os mercados: a idade liberal sede lugar ao imperialismo. De fortuna não haverá nenhuma revolução industrial sem que intervenham as quatro grandes potências no seu arranque e no seu crescimento.

Os processos de industrialização naturais já não funcionam tão livremente como dantes, porque os economistas dominantes estão alertas.

CAPÍTULO II

O IMPACTO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DO MINDELO

:

1. Situação geográfica da ilha e da cidade do Mindelo

Localiza-se na ilha de S. Vicente. Esta por sua vez localiza-se entre os meridianos 16° 55' 19'' de longitude oeste e ao sul 16° 46' 21'' de latitude norte e entre os paralelos a leste 24° 51' 53'' de longitude W. Greenwich e a oeste 25° 05' 40'' de longitude W. Greenwich, possuindo uma área de 227 km², e ocupa a cidade portuária, dentro desta área, 67 km², a noroeste da ilha na baía do Porto Grande.

A ilha conta com uma população de cerca de 66.671 habitantes conforme os dados do último censo realizado em 2000.⁵¹ Tem a cidade uma população de 62.497 indivíduos o que demonstra que a maior parte da população desta ilha reside nesta urbe. É o segundo maior centro urbano de Cabo Verde, considerado como o resultado de duas grandes influências, a colonial portuguesa e a britânica: a primeira no sentido de ter sido a potência colonizadora e empreendedora do seu povoamento, e a segunda tendo em conta que trouxe incentivo para a fixação e atracção das pessoas para este espaço insular. A gravura seguinte refere-se ao mapa da ilha de S. Vicente, destacando a sua cidade do Mindelo.

Gravura 1 Mapa da Ilha de S. Vicente e da Cidade do Mindelo



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mindelo_\(Cabo_Verde\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mindelo_(Cabo_Verde)) acesso entre 26 a 28 de Abril de 2006

⁵¹ .Censo de 2000. Instituto Nacional de Estatística. ilha de S. Vicente. AHN. Praia.2001.p....

1. Breve historial da ilha de S. Vicente e da sua cidade

1.1. Descobrimento e povoamento

Segundo consta, a ilha de S. Vicente foi descoberta a 22 de Janeiro de 1462 no grupo das chamadas ilhas ocidentais, por um escudeiro do infante D. Fernando de nome Diogo Afonso, quando acompanhava António da Noli, que partia para o povoamento de Santiago, cuja capitania obtivera por doação⁵² que nos é dado nesses termos:

«(...)e as outras a jlha de Sam Nicolao, e a jlha de Sam Vicente e a jlha raza e a jlha Brava, e a jlha de Santa Lusía e a jlha de Sant Antonio, que são atravez do Cabo Verde em especial lhe mandassemos fazer cartas dellas, e visto seu requerimento, e querendo lhe fazer graça e mercê, temos por bem e lhe fazemos della livre, pura, irrevogavel doacção entre vivos valedoria deste dia para todo sempre, para elle e para todos herdeiros e sucessores e descendentes que depois delle vierem.

Dado em Tentúgal 19dias de Septembro Alvaro Lopes a fez, anno de nosso Senhor Jesus Christo de 1462 (...).».

A ilha manteve-se durante quase três décadas deserta e a cerca desse assunto conforme João Lopes Filho⁵³ em 8 de Julho de 1577 doou D. Sebastião à condessa de Porto Alegre D. Filipe da Silva o gado de S. Nicolau e S. Vicente o que demonstra que a ilha não estava povoada.

Conforme Correia e Silva⁵⁴ se não fosse o seu amplo e abrigado porto a ilha de S. Vicente estaria condenada a permanecer irremediavelmente deserta pois que até aos inícios do século XIX esta ilha e a de Santa Luzia desempenharam o subalterno papel de espaços de reserva dos habitantes de S. Nicolau e de S. Antão. Embora considere que a mesma constituiu um verdadeiro objecto de disputa entre as potências europeias em finais do século XVIII, servindo de ponto de escala de corsários, piratas contrabandistas etc.

⁵² SENNA BARCELOS, Christiano José de. Subsídios para a História de Cabo Verde. I vol. 2ª Edição. «Documentos 2003». Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Apresentação, Notas e Comentários de Daniel A. Pereira. p. 29.

⁵³ Cf. LOPES FILHO, João. Ilha de São Nicolau Cabo Verde: Formação da Sociedade e mudança cultural. I vol. Lisboa. Secretaria-geral do Ministério da Educação. 1996. p. 31.

⁵⁴ CORREIA E SILVA, António Leão. Nos tempos de Porto Grande do Mindelo. Centro Cultural Português. Praia- Mindelo. 2000. Colecção «documentos para a História de Cabo Verde». p23.

Por esta razão nunca constituiu desde de cedo um incentivo para a fixação de homens e instalações de imobiliários. Além da criação do gado, fazia-se ali a apanha da urzela⁵⁵ (para a tingidura dos panos) e a recolha do âmbar⁵⁶ nas praias expelido pelos cetáceos. Servia também desde o princípio do século XVIII para que as populações das outras ilhas do Norte viessem ali fazer as suas pescarias das famosas peixes das desertas.

Diz-nos Correia e Silva⁵⁷ que em S. Vicente, os homens do mar contavam com o abrigo proporcionado por um porto amplo e definido, situado a noroeste, fronteiro a Santo Antão, denominado expressivamente de Porto Grande, próximo dele podiam dispor de reservas salineiras de que se serviam amiúde para a salga de peixe capturado. Foi visitada nos finais dos anos setecentos, por baleeiros⁵⁸ de diversas origens americanas como, por exemplo, Natuket, New Bedford entre outros portos da América do norte, local de passagem das baleias entre Novembro e Dezembro, fugidas do rigoroso Inverno do Atlântico Setentrional.

Acrescenta ainda o autor que sendo S. Vicente um lugar de pastagem do gado bravio e abrigo de pescadores insulares e estrangeiros, teve até finais do século XVIII uma presença secundária e apagada, quase clandestina na história do arquipélago.

Mas podíamos perguntar porquê que as autoridades coloniais não se preocuparam em fazer o povoamento desta ilha em períodos anteriores?

Como é sabido a preocupação estava voltada para as ilhas com um índice económico mais razoável pois interessava-se mais a exploração das terras mais ricas e com condições agrícolas mais prometedoras, por isso as atenções estavam voltadas para as ilhas de Santiago, Fogo e Santo Antão.

Com uma soberania considerada ténua, muitos foram aqueles que disputaram entre si o controle das riquezas naturais da ilha. Várias foram as tentativas de vedação do acesso à ilha por parte dos donatários e da própria fazenda real aos moradores de S.Nicolau e de Santo Antão mas sem sucesso.

⁵⁵ Erva tintureira de grande valor económico e medicinal na época.

⁵⁶ Substância resinosa e aromática que tem a consistência de cera.

⁵⁷ CF. Op. Cit. CORREIA E SILVA, António Leão. Nos tempos de Porto Grande do Mindelo. Centro Cultural Português. Praia- Mindelo. 2000. Coleção «documentos para a História de Cabo Verde».p24.

⁵⁸ Segundo as palavras de António Carreira a emigração espontânea dos cabo-verdianos para os EUA vêm na sequência da presença dos baleeiros americanos nos mares de Cabo Verde, tendo estes a necessidade de informações e se abastecerem de água e mantimentos etc. A primeira leva de emigrantes remonta os anos de 1900 a1920 embora existam autores que defendem períodos anteriores, sendo os viajantes na sua maioria oriundos da ilha da Brava e do Fogo por serem as mais visitadas pelos baleeiros e que parálem da procura das melhores condições de vida, fugiam à prestação de serviço militar em Guiné.

É nesta óptica que por medo da perda de soberania por parte de Portugal sobre as suas possessões, nomeadamente as Ilhas de Cabo Verde⁵⁹, o que estaria na origem das primeiras tentativas de povoamento de São Vicente. Assim em 1781, em sintonia com o impulso colonizador que caracterizou o reinado de D^a Maria I, determinou por decreto, depois de ter consultado o Conselho Ultramarino, que se povoasse a ilha de São Vicente e as outras desertas de Cabo Verde, beneficiando os novos colonos da isenção do pagamento de foros das terras que ocupassem durante os primeiros dez anos. Mesmo assim, estes incentivos não foram suficientemente atractivos para estimular a vinda a São Vicente dos pretendidos casais de açorianos ou na ausência destes, homens foros de Santiago e do Fogo. O povoamento das desertas passou a ser uma preocupação obsessiva das autoridades diz Correia e Silva ⁶⁰.

Por determinação régia em 1781, foi mandada povoar a ilha de São Vicente, mas nada se conseguiu. Em 1793 um rico comerciante e agricultor da ilha do fogo, algarvio de nascimento, com expectativas algo inflamadas em relação à natureza da terra, propõe povoar São Vicente com seus próprios meios levando à dita ilha cerca de 20 casais de homens livres e 50 escravos. Em contra partida a coroa nomeá-lo-ia capitão - mor da ilha e o compensaria doze anos depois pelas despesas efectuadas. E é assim que por carta régia de 22 de Julho de 1795, foi nomeado João Carlos da Fonseca Rosado, natural da Tavira – Portugal, abastado comerciante na ilha do Fogo, para vir povoar a ilha de São Vicente, ficando José da Silva Maldonado Deça⁶¹, encarregado por sua majestade de comunicar ao referido comerciante do Fogo, para aprontar com os seus escravos, a fim de virem fazer o povoamento da dita ilha. Segundo as ordens reais, seriam remetidos outros povoadores do reino e dos Açores por estes se reputarem mais activos e mais laboriosos⁶².

Informa-nos Correia e Silva que, houve uma certa preocupação por parte da rainha na composição da nova colónia, isto é, que ela não seja, como o resto do Arquipélago, uma sociedade maioritariamente de negros, por isso limita-se o nº de colonos cabo-verdianos a participar:

⁵⁹ Havia uma certa possibilidade de Portugal perder a soberania, no período compreendido entre 1580 a 1640 ou seja o período filipino, embora Filipe I tenha contribuído o melhoramento da sua economia, mas foi neste período que Portugal sofreu ataques às suas possessões o ultramar, mais concretamente ao nosso arquipélago.

⁶⁰ Cf. op. cit. CORREIA E SILVA, António Leão. Nos tempos do Porto Grande do Mindelo. Centro cultural Português. Praia – Mindelo. 2000. Colecção «documentos para a história de Cabo Verde». p.37.

⁶¹ Então Governador de Cabo Verde na época.

⁶² RAMOS, Manuel Nascimento – Iº centenário da cidade do Mindelo - Mindelo Dourora.. In Voz di Povo. Ano 1980,IIp.

«Nas instruções do que deve praticar com a nova povoação da ilha de São Vicente, afirma o mordomo - mor, Luís Pinto de Sousa, que a rainha expressamente proíbe que das outras ilhas se possa transportar maior nº de cazaes por se não julgar conveniente que esta nova povoação se execute inteiramente com os habitantes dessas ilhas, quando pouco a pouco se lhe podem hir introduzindo cazaes destes reynos e das ilhas dos Açores...»⁶³

Nesta óptica envia-se a Santiago uma quantidade indeterminada de colonos brancos a serem posteriormente mandados para São Vicente, sendo anos depois, devastados pela alta mortalidade e a deserção provocadas pelas crises de fome e doenças que sempre marcou o povo dessas ilhas peri-africanas. Só vieram a ser instalados em Julho de 1797, depois das peripécias várias, os primeiros colonos.

2.2. Evolução do Povoado até à Categoria de Cidade

Mindelo que outrora passara por vários nomes entre as quais, temos: Aldeia de Nossa Senhora da Luz, mudada para D.Rodrigo, depois povoação D. Leopoldina (nome dado por António Pusich - governador da ilha na época), e finalmente Mindelo pelo decreto régio de 11 d Junho de 1838 do visconde Sá da Bandeira⁶⁴, o então Ministro das Colónias e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar, com o objectivo de vir a ser a futura capital de Cabo Verde⁶⁵.

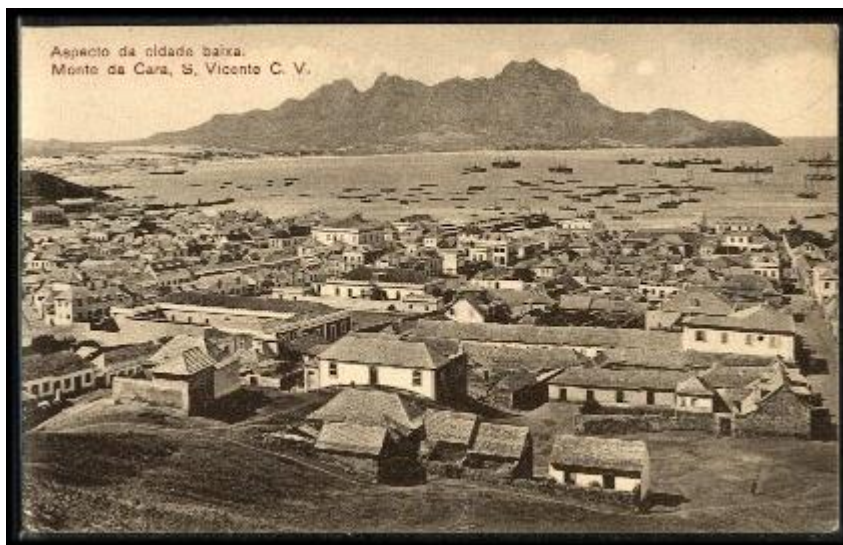
Situado num vale entre dois montes de cor ferruginoso, a pouca distância das áreas do Porto Grande, o povoado não era na verdade mais do que um punhado de tristes choupanas, cobertas de palha e esteira;

⁶³ Cf. CORREIA E SILVA, António Leão. P. 38.

⁶⁴ Esse decreto foi para comemorar um grande acontecimento que implantara a liberdade em Portugal, a vitória do liberalismo sobre os absolutistas - In Voz do Povo de 4 Fevereiro de 1980.

⁶⁵ Existem opiniões que a escolha da ilha para ser a nova capital do país deve ao facto de ser mais sadia em relação à ilha de Santiago que frequentemente era atacada pelas epidemias de cólera e febre-amarela.

Gravura 2 – Mindelo de outrora



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mindelo_\(Cabo_Verde\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mindelo_(Cabo_Verde)) acesso entre 26 a 28 de Abril de 2006

Afirma Manuel Ramos que Mindelo não passava de um areal à beira mar, contando, na maior parte, casinholas e palhoças.

As actividades portuárias e comerciais nesta localidade permitiram um rápido desenvolvimento e pelo decreto régio de 1858 foi elevada a povoação de Mindelo à categoria de vila, decreto esse que se definiu nesses termos:

«(...) tendo em consideração que a povoação principal da ilha de S.Vicente tem modernamente crescido em numero de habitantes e em construções urbanas; e que o porto grande, em cuja praia está situada, é frequentada por grande nº de embarcações, que navegam para além e para aquém do equador, o que cada vez dá maior importância aquela ilha e concorre para o seu aumento: Hei por bem determinar que a dita povoação, a que elo decreto de onze de Junho de mil oitocentos e trinta e oito, foi dado o nome d' Mindelo, em comemoração do desembarque do meu augusto avô com o exército libertador nas praias daquelle nome, seja elevada à categoria de villa, com a denominação de vila do Mindelo. E por esta minha mercê ficam obrigadas a respectiva Câmara Municipal a tirar carta, pagos previamente os competentes direitos. O visconde de Sá da Bandeira, par do reino, Ministro e Secretario de Estado dos Negócios da Marinha e do ultramar,

assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em vinte nove d'abril de mil novecentos e cinquenta e oito. Rei- Visconde de Sá da Bandeira (...)»⁶⁶

Vinte um anos depois, devido ao seu desenvolvimento comercial, a importância do seu amplo porto do mar, aumento da população e avultados melhoramentos públicos fez com que a vila de Mindelo fosse elevada à categoria de cidade pelo decreto régio de 14/04/1879, decreto que se apresenta nesses termos:

«(...)Atendendo à representação que me dirigiu a comissão e concelho municipal da villa de mindello da ilha de s.vicente do archipelago de caboverde, e tendo em consideração os avultados melhoramentos que na mesma vila modernamente se teem realizado e bem assim o augmento da sua população, o desenvolvimento do seu comercio e a sua importante posição geográfica, que a faz ser frequentada por grande nº de navios de todas as procedências: Hei por bem, conformando-me com o parecer da junta consultiva do ultramar e informações do governador- geral da província de caboverde, elevar a mencionada villa do Mindello à categoria de cidade com a denominação de cidade do mindello de caboverde : O Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios Estrangeiros da Marinha e Ultramar assim o tenha entendido e faça executar. Paço 14/04/1879- Rei Thomaz António Ribeiro Ferreira (...)»⁶⁷.

2.3. Importância de Mindelo como ponto de apoio à navegação

Graças à máquina a vapor, a ilha de São Vicente, apesar de não dispôr de água potável suficiente, passaria a ser, no último quartel do século XIX, muito importante no arquipélago. Até este século dispunha de alguns poços, a volta dos quais algumas famílias pouco numerosas se concentravam para uma cultura agrícola e pecuária de mera sobrevivência, daí que ainda alguns bairros do Mindelo tragam os rótulos de fonte Inês, fonte Felipe, fonte doutor, fonte cônego, fonte cutú , fonte francês⁶⁸.

Com a substituição dos veleiros que atravessaram o atlântico tocando os três continentes e a Ásia, por barcos a vapor cuja as máquinas careciam de carvão e por este

⁶⁶CF. RAMOS, Manuel Nascimento – Iº centenário da cidade do Mindelo - Mindelo Doutrora.. In Voz di Povo. Ano 1980,Ip.

⁶⁷CF. Op. cit RAMOS, Manuel Nascimento – Iº centenário da cidade do Mindelo - Mindelo Doutrora.. In Voz di Povo. Ano 1980,Ip.

⁶⁸ MASCARENHAS, Francisco. *Breve Historial de Mindelo*. In: Revista cultural: dá Fala. Nº3. Marta lança. Mindelo. 2005. p.55.

ocupar muito espaço nos navios tiveram necessidade de utilizar a ilha de São Vicente cujo porto abrigado convinha a isso, a fim de se restabelecerem desse combustível sendo a mão de obra provenientes de Santo Antão e São Nicolau.

Para resolver a carência de água potável foi necessária que as empresas carvoeiras sedeadas na ilha transportassem esse liquido da vizinha ilha de Santo Antão em navios cisternas, destacando-se Tarrafal e o Vascónia em careiras diárias para o porto do Tarrafal Monte Trigo, cujas nascentes eram na altura abundantes.

Segundo nos informa F. Mascarenhas, terá sido um português conhecido por Manuel Madeira, quem descobrira uma nascente de água potável no Madeiral e que canalizara para as empresas carvoeiras e as residenciais dos seus empregados ingleses e para depósito situado junto do mercado de peixe e ferro and companhia, e que dispunha de um outro para água do Tarrafal Monte Trigo. Mas tarde, nas traseiras da igreja paroquial seria edificado um outro depósito para transportavam água à cabeça para diversas famílias, a troco de algumas moedas. Eram às centenas e uma autêntica profissão.

Segundo as palavras de Mascarenhas⁶⁹ os navios demoravam cerca de três semanas a descarregar para os batelões de ferro que transportavam o combustível alinhados ao longo de toda a orla marítima do porto e conhecidos por quintalões dos ingleses. Os tripulantes desembarcavam e frequentavam os restaurantes, as pensões, os bares, os botequins, e as tascas espalhadas pela cidade e arredores, o que naturalmente emprestava a urbe muito movimento, de dia e de noite, facilitando a vida a muitas famílias.

Os restos das refeições dos navios eram atirados ao mar gerando muito plâncton⁷⁰ o que abria grandes cardumes e até peixes de grande porte. Tornando a baía famosa que perigavam a vida dos banhitas mais ousados.

O peixe era tão abundante no Porto Grande que, várias vezes ao dia lançavam redes na ponta da praia e chegavam cheias para deleite dos pescadores e dos miúdos nos intervalos da escola.

Três a quatro dias ficava a tripulação em terra a passear e a gastar dinheiro, para além das muitas mercadorias que traziam de bordo como bebidas, conservas alimentícias, carne salgada, tintas, madeiras, colchões, confeitarias para troca e ofertas a população.

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ palavra inglesa que significa plancto.

Os cicerones⁷¹ tinha o dia garantido, bem como os negociantes de bordos e os ship-chandlers, outro sim os horticultores da Ribeira de Julião.

O povo de São Vicente tinha assim oportunidades de contactar com povos de diversas latitudes, pelo que se tornou extrovertido e sociável.

As receitas cobradas pelas alfândegas cobriam as despesas locais, bem como grande parte das despesas nacionais, já que as taxas aplicadas sobre carvão cobriam quase a totalidade do orçamento geral do Estado.

As chamadas moedas fortes como a libra e o dólar eram triviais em São Vicente e o Banco Nacional Ultramarino, dispunha de uma razoável reserva em divisas. Os navios recebiam também os tripulantes de Cabo Verde que uma vez lá fora, remetiam mensalidades certas aos familiares e até aos amigos desamparados.

Mindelo não teve importância apenas como ponto de apoio à navegação, mas também para o aumento do rendimento do cofre geral da província, isso podemos concluir a partir de uma análise comparativa dos rendimentos alfandegários que entraram no cofre geral da província ao longo dos anos em estudo (1870-1900). O rendimento alfandegário desta ilha se encontra á cima de todas as outras ilhas do nosso arquipélago excepto Santiago pela lógica de ser a cidade capital. Mas vejamos por exemplo em relação á ilha do Fogo como sendo a segunda a ser povoada⁷², o seu rendimento alfandegário durante o ano 1872 a 73⁷³ foi inferior ao rendimento do primeiro trimestre da ilha de S. Vicente relativo aos meses de Janeiro a Junho do ano de 1873, o do Fogo foi de 12.239\$120 rés a da ilha de S.Vicente foi de 13.163\$756 rés.

Em relação às outras ilhas há rendimentos que muitas das vezes triplica em relação àquelas, é o caso da ilha de Boa Vista, Maio e Brava chegando a ter rendimentos alfandegários inferiores a 200\$000 rés por mês enquanto que os rendimentos de S.Vicente ultrapassam os 1000\$000 rés por mês. Raras vezes acontece algumas baixas mas quando comparada com outras ilhas do nosso país é sempre superior.

⁷¹ Pessoa que guia estrangeiros ou viajantes, mostrando-lhes o que há de mais interessante numa localidade, ou dando-lhe informações; guia; intérprete.

⁷² ANDRADE, Elisa Silva. As ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional(1460/1975). Paris. L'harmattan. 1996. p.13.

⁷³ Cf. Os dados em B. O. da Província de Cabo Verde. 1870.

3. O contributo dos rendimentos do carvão para o desenvolvimento da cidade:

3.1. Porto Grande

O porto, que se dá pelo nome de Porto Grande fica situado a noroeste da ilha a uma latitude norte de 16° 5'3 e uma longitude oeste de 25° 3'. É um grande porto abrigado numa baía fechada e bem protegida pelas colinas. Segundo as palavras de Rendall⁷⁴ é o único porto do arquipélago que se possa considerar seguro ao longo do ano. Este porto tem a potencialidade de receber no mínimo 300 navios e a profundidade do ancoradouro vai de 3,5 a 10 braças⁷⁵.

Se a Ribeira Grande marca a história cabo-verdiana da época quatrocentista com o tráfico de escravos servindo de trampolim para as incursões à costa africana e para as diversas paragens ao longo do atlântico, o Porto Grande marcará a época oitocentista da história das nossas ilhas, já não com a mesma utilidade da primeira cidade porto cabo-verdiano.

As suas potencialidades residiam principalmente na sua posição geo-estratégica⁷⁶ ligando a Europa ao atlântico sul e vice-versa e de seu profundo e abrigado porto.

S. Vicente servia assim de base de apoio aos navios a vapor que a cruzavam no atlântico e tinham de se abastecer do carvão (energia utilizada na época que por ser pesada não podia ser transportada nesses navios) ao longo das incursões que faziam às diversas paragens da América do sul mais concretamente o Brasil e Argentina, ricas fontes de matérias-primas e que constituíam amplos mercados escoadouros dos produtos manufacturados⁷⁷.

⁷⁴ Cf. RENDALL, Jonh. Guide des iles du Cap-Verd. Património Lusógrafo Africano.EDPAL/PCLL. França. 2004. p.51.

⁷⁵ Uma braça corresponde a 1,83m.

⁷⁶ Quando se refere a posição geo-estratégica deve-se ter em conta que ela está ligada a vantagens competitivas ligadas ao transporte de mercadorias e pessoas que o local oferece e com a própria conjuntura da época, senão vejamos o caso de Ribeira Grande no século XV, Sal Rei o século XVIII e em finais do século XIX o Porto Grande do Mindelo; Todas ligadas ao porto que constitui a ligação oceânica e fonte de desenvolvimento comercial. O país posiciona-se em condições favoráveis de se intensificar a sua cooperação com centros importantes do mundo, o que poderá servir da sua âncora em direcção a um verdadeiro desenvolvimento socio-económico.

⁷⁷ ÉVORA, José. S. *Vicente de Cabo Verde: ambiente sócio-cultural no Mindelo do século XIX*. In: *Revista Africana* nº 6. Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde 2001. p.166.

Assim sendo Porto Grande ganha ali um aspecto diferente daquilo que foi Ribeira Grande considerada o berço da caboverdianidade, onde a principal actividade foi o comércio de escravos. Um porto com carácter industrial pois ele entra no referido circuito na sequência do desenvolvimento dos transportes, que deixa o homem de depender das forças naturais para a utilização da energia a vapor neste caso o carvão; Este que por ser pesado exige que os navios se abastecem ao longo do percurso noroeste-este fazendo Porto Grande ganhar a importância estratégica nos meados do século XIX mais concretamente a partir elevação da alfândega de S.Vicente à primeira categoria ou de despacho geral⁷⁸ e com a instalação dada primeira companhia carvoeira a East Índia em 1838 sob a licença concedida ao cônsul inglês Jonh Rendal⁷⁹. Esta terá sido segundo consta a primeira, mas devido a contratempos acabou por entrar em decadência.

Muitas outras foram as companhias implantadas nesta ilha todas pertencentes aos ingleses, que passaremos a apresentar no seguinte quadro(3) abaixo.

Companhias carvoeiras	Ano de implantação
East Índia	1838
Royal Mail steam packet	1850
Patet Fuel e Thomas and Miller	1851
Visger and Miller	1853
Mac Leod and Martin	1858
Cory Brothers & Cº.	1875
Wilson,Sons & Cº	1885
Companhia S.Vicente	1896
Miller´s & Nephew	1860/1870

Fonte: Elaborado com base em Linhas Gerais da Historia de Desenvolvimento Urbano da Cidade Do Mindelo (1984) e B.P.I. (1950)

⁷⁸ Esta informação encontra-se bem clara na Portaria Régia de 7 de Dezembro de 1850, sendo este o desejo da rainha D. Maria I.

⁷⁹ Cf. Em Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo. Lisboa. 1984. p.19.

Como se pode ver no quadro acima muitas foram as companhias que passaram por S. Vicente e todas elas contribuíram para resolver o problema de fomes e secas que assolavam o nosso arquipélago já que são consumidoras de grande quantidade de mão-de-obra, contribuindo para um afluxo de emigrantes das diversas ilhas do nosso país e para fazer aumentar o rendimento ao cofre geral da província através das taxas de importação e de exportação deste produto e da instalação das ditas companhias.

É assim que servindo o Porto Grande de elo de ligação das rotas transatlânticas para a América do sul acaba por ser um ponto de cruzamento de culturas⁸⁰, gentes de diversas nacionalidades, línguas, dando origem a um povo que não deixa de ser cabo-verdiano, mas que apresenta características próprias tanto na tez da pele, tipo de cabelo, nos costumes, hábitos e um especificidade peculiar de falar o crioulo etc.

Assim essa ilha se transforma num espaço de intensas trocas comerciais e ao mesmo tempo um espaço de refúgio às populações das outras ilhas devido às secas cíclicas que assolam o nosso arquipélago desde os tempos mais remotos⁸¹. E é assim que devido a actividade portuária que se pratica nesta ilha fez com que o povo mindelense adquirisse um perfil marcadamente proletário, característica distinta da restante população do arquipélago.

⁸⁰ Ali se verifica, embora de forma diferente do que em Santiago onde a maioria da população era negros, a denominada simbiose cultural que não é nem mais nem menos do que a mistura de diferentes culturas no mesmo espaço geográfico.

⁸¹ Cabo Verde devido à sua situação geográfica sofre uma grande influência do deserto do Sahara, fazendo com que o clima seja semi – árido, com as chuvas escassas e o sol em quase todo o ano, sem contar com as pragas de gafanhotos que ameaçam o desenvolvimento das culturas de milho e feijão que normalmente se pratica em algumas ilhas do nosso país.

3.2. Presença inglesa

Pegámos dum trecho musical, *um vez sanvcente era sabe*, para abordarmos a presença inglesa em S.Vicente na época do nosso estudo. O autor da letra musical em referência utiliza a música para tecer críticas à sociedade mindelense da referindo-se a contextos que, entendemos corresponder em certos aspectos aos factos da história de S. Vicente relacionados não só com a presença inglesa como também relativamente à vida quotidiana em geral da ilha. Eis o texto a que referimos na página seguinte

<p>Um vez Sanvcente era sabe! Um vez sanvcente era ôt côsa! quand sês amdjêr tá usába Um lênç, um chail côr da rosa, Um blusa e um cónta d´coral;</p> <p>Quand na sês bóí «nacional» T´a marnód tê manhecê E sem confiança nem abuse Tá sirvid quel cafê Ma quel «ratchinha» d´cuscus.</p> <p>Quand pa nossiôra da luz Era um grande procissôn; Quand ta cantôd Santa Cruz E tá colód pa san Jôn . Lá na Rbêra d´jilhôn;</p> <p>Quand ta cutchid na plôn Ta cantá na porfia, Quand ta tchvêba e na pôrte Tá vivid com más sôrte , E com más alegria.</p>	<p>Pôve ca tá andá móde agóra Na mêi d´miséria, chêi d´fôme, Ta imbarcá, ta ba´mbóra, Sem um papêl, sem um nôme, Móda um ligada d´carvôn ...</p> <p>Era colhéta na tchon... Era vapôr na bahia... Óm, na Sanvcente daquês dia, Até gót d´Manê Jôn Té ingordá na gemada!...</p> <p>Pa tud êx d´morada Era um data d´stranger! Era uma vida folgada, Ciceróne, vida airada, Tá nadaba na dnhêr!</p> <p>E d´nôt, sentód, na pracinha Tá partid gónhe assim. «Chlin pa bô, chlin pa mim...» Hôje... ê têmp d´canequinha...</p> <p>.Sérgio Frusoni</p>
--	--

Fonte: In **A morna na literatura tradicional**
de Moacyr Rodrigues e Isabel Lobo. Pp.170 a 171.

Através do conteúdo desta música o autor deixa transparecer o período áureo que fora a época da vivência daqueles nesta ilha. Época bem abastada fora aquela em que os navios tinham de abastecer do carvão em S. Vicente proveniente das ditas companhias inglesas. Não existe uma data certa da presença dos ingleses em cabo verde⁸², mas e em particular na ilha em estudo, mas o que é certo é que ela ronda a época da instalação da primeira companhia carvoeira a conhecida East Índia por volta de 1838. Embora se fale da presença daqueles e de outras potências como se tem a holandesa e a francesa na ilha tal como refere António Correia e Silva⁸³. Este autor faz referência a um período anterior em que apenas Mindelo era um ponto de descanso e para obtenção de água e mantimentos nas rotas transatlânticas. Isto de acordo com o mesmo, serviu de impulso para que a coroa portuguesa, tendo sabido da situação e com o medo de perder a sua Soberania incentivou o povoamento da mesma e das outras ilhas desertas de cabo verde.

Efectivamente podemos perceber que o texto representa o passado de Mindelo relacionando-o com a presença estrangeira. Esta deve a nosso ver referir aos ingleses cuja presença tem a ver com o comércio de carvão, tendo Mindelo como entreposto comercial.

As referências em relação àquela época embora fantasiadas em certas passagens, deixam perceber que se vivia uma época de prosperidades, abundando recursos financeiros que até dava ao povo a possibilidade de ter uma vida folgada, mas também ociosa, com todas as consequências negativas que arrastam situações do género e que têm a ver com a prostituição e outras mais da sociedade.

Muitos dos aspectos de Mindelo naquela época descritas nesta música perduram até hoje, nomeadamente o gosto pela exuberância indumentária, a vida nocturna, a veneração de Nossa Senhora da Luz padroeira da cidade e a chama das festas tradicionais.

No entanto o mais visível desse passado tem a ver com aspectos da cultura material que também testemunha a presença inglesa, como são as construções quer sejam civis quer sejam particulares, sendo estas últimas em muitos casos destacam na cidade com estilos relacionados com a presença estrangeira.

⁸² Segundo António Carreira (1983: 66) a presença inglesa no nosso arquipélago remonta os anos de 1685 a 1700, atraídos pelas pescas da baleia que se fazia, e interessados em marcar posição nesta actividade, sendo eles radicados os EUA.

⁸³ Cf. op. cit. CORREIA E SILVA, António Leão. 2000. p27 a 31.

Assim sendo Manuel Ramos⁸⁴ informa-nos que em 1849 dos 3171 habitantes da ilha de S. Vicente, 86 eram britânicos, mas até a passagem do século esse número atingiu uma centena deles e que é conveniente verificar-se que havia naquela ilha mais estrangeiros do que portugueses, naturais de Portugal. Assim apesar dos britânicos viverem isolados do povo, havia sempre nacionais que os acompanhavam no seu dia – a – dia como serventes, ajudantes, como caddies no golf, no ténis, apanha-bolas no futebol, aprendendo, imitando os costumes e o estilo característicos dos ingleses. Diz-nos ainda Manuel Ramos que embora a colónia estrangeira fosse constituída mais por ingleses, estes levavam uma vida social separada dos naturais da terra; eram considerados gente de primeira classe, a elite, a fina flor da terra. Embora vivessem afastados da massa da população, com falta de moradias que deparavam os seus trabalhadores, tiveram a preocupação de financiar e de construir muitos edifícios, resolvendo desta forma o problema de moradia.

Adianta-nos Ramos que ao todo havia umas 140 casas de renda económica de 10\$00 e 20\$00 mensais, com o fim de melhorar as condições de vida dos servidores dos ingleses, para que o trabalho nas companhias fosse mais rentável, mais produtivo e houvesse sempre melhor disposição e boa vontade no exercício das suas funções. Embora persista a ideia que muitos trabalhadores viviam em condições penosas em casa onde as condições sanitárias não chegam a ser as mínimas.

Várias foram as construções feitas pelos ingleses naquela ilha entre as quais passamos a citar: praça nova hoje designada praça Amílcar Cabral, foi construída pelos ingleses em troca do terreno onde se situava a antiga praça D. Luís, demolida em 1894, belas vivendas, casas para os seus servidores, casa de campo, o antigo edifício do telégrafo onde hoje situa as instalações da Telecom.

3.3. A atracção das populações de outras ilhas

É de salientar que as pessoas das outras ilhas (Cabo Verde) tiveram um papel preponderante no desenvolvimento e no próprio povoamento de S. Vicente destacando emigrantes da vizinha ilha de Santo Antão e São Nicolau que desde sempre serviram desta ilha não só para a criação de gado vacum como também para as suas pescarias referidas anteriormente. Esses irão constituir a mão-de-obra de primeira necessidade

⁸⁴ Cf. RAMOS, Manuel Nascimento. Mindelo D'outroa. Mindelo. S/e. 2003. p.92.

para as companhias carvoeiras⁸⁵ sedeadas nesta ilha, já que as tentativas de povoamento impregnadas anteriormente⁸⁶, Não tiveram sucesso porque os interessados foram diminutos.

Mas a partir do momento em que S. Vicente entra na rota do atlântico conforme nos é dado pela portaria régia de 7 Dezembro de 1850⁸⁷ nestes termos:

« devendo começar no próximo mês de Janeiro a carreira de paquetes a vapor entre Inglaterra, e o Brasil, com escala por Lisboa, Ilhas da Madeira, Tenerife, e S. Vicente, demorando-se os vapores maior espaço no porto desta ultima ilha, afim de ahi se abastecerem de carvão, e sendo natural que ahi hajam de tomar refrescos, e assim por este motivo como por commodidade de commercio se deseje praticar alguns actos commerciais, e especialmente o desembarque de fazendas e encomendas levadas tanto de Londres como de Lisboa e Madeira, e não sendo possível impedir absolutamente o desembarque de tais objectos nem o dos passageiros que se destinem para o Archipelago de Cabo Verde, ou que indo para o Brasil desejem gozar das commodidades da terra, durante a demora da embarcação, de tudo o que poderia resultar grave damno à fazenda Publica, se de prompto senão occorresse com as medidas acertadas:

Manda a rainha (...) que o governador geral da província de Cabo Verde expeça as ordens convenientes para que a alfândega de S. Vicente seja immediatamente considerada alfândega de primeira, ou de despacho geral.

Segundo as palavras de Francisco Mascarenhas⁸⁸ aquando das secas prolongadas em cabo verde, São Vicente recebia as populações que deslocavam sobretudo de Santo Antão e São Nicolau e até de Santiago, uma vez que as secas pouco ou nada afectavam São Vicente, pois o Porto Grande oferecia emprego e outras condições mais seguras de sobrevivência aos menos bafejados pela sorte.

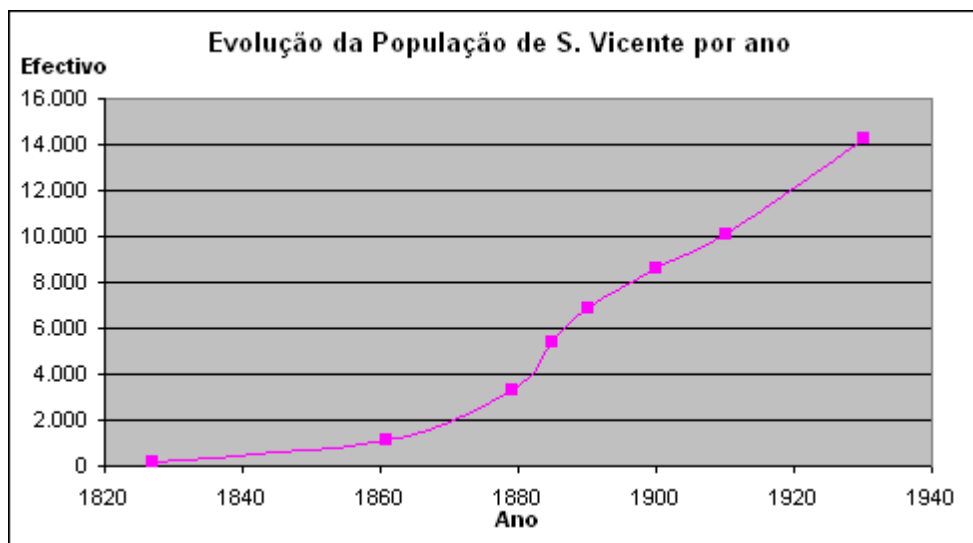
⁸⁵ Várias foram as companhias carvoeiras implantadas nesta ilha, todas de origem inglesa (ver o quadro da página anterior).

⁸⁶ Houve sempre a preocupação por parte da coroa e das autoridades competente de povoar S.Vicente mas as secas prolongadas, crises de febre, cólera que assolaram as ilhas de cabo verde impediram a fixação nesta ilha que apresentava na época poucos atractivos para o povoamento.

⁸⁷ Cf. Em Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da cidade do Mindelo. Filografia. Lisboa. 1984.p.19.

⁸⁸ MASCARENHAS, Francisco. Breve Historial do Porto Grande. In: Revista cultural dá Fala.nº3. marta lança.Mindelo.2005.p.55.

Observe o gráfico a seguir:



Fonte: Serra (1950)

Numa primeira análise do gráfico constatamos que se verifica um aumento considerável da população ao longo de todos esses anos; Destacando os anos de 1827 a 1861 onde se verifica uma quadruplicação da população ou seja de 1827 a 1861, embora o intervalo seja longo, houve um aumento num nº de quatro vezes maior do que aquela que havia em 1827.podemos destacar como causas desse aumento a instalação da economia carvoeira que se situa por volta de 1838 e as constantes deslocações de emigrantes das diversas paragens para esta ilha. A partir 1861 só se verifica aumento que vai de 1000 a 2000º nº desta subida. Mas também como nos adianta Correia e Silva⁸⁹a atracção a esta ilha transcende o circuito arquipelágico, firmas de diversas origens⁹⁰abrem representações na cidade, trazendo a ela agentes comerciais, administradores, engenheiros navais, operários especializados etc. não serão apenas estes é que sentiram atraídos por esta ilha, também judeus que viam nela um ponto para obtenção de lucros comerciais, investindo no comércio grossista e a retalho, hotelaria e construção.

Pela mesma razão famílias abastadas das ilhas agrícolas do nosso país vão ali instalar as suas moradias. Verifica deste modo uma heterogeneidade social.

Mas como tudo na vida S. Vicente vai perder a grande prosperidade que o seu porto apresentava que segundo as palavras de Jonh Rendall⁹¹ela é marcada pelo transporte de

⁸⁹Cf. CORREIAE SILVA, António.2000. p.128.

⁹⁰ Inglesa, italiana, alemã e portuguesa.

⁹¹RENDALL, Jonh.2004.p.38.

tropas inglesas com escala em Mindelo para a guerra do Transval contra os boers (1899/1905). Tem como causa a ausência de concorrência que irá «matar» o mercado e o aumento das taxas e as custas aduaneiras por parte da monarquia portuguesa e a substituição do carvão pelo gasóleo e a nafta.

CAPÍTULO III

OS REFLEXOS DA ECONOMIA CARVOEIRA PARA O CRESCIMENTO DA CIDADE DO MINDELO

1.2. Resultado e análise das entrevistas

O rol das pessoas entrevistadas foi seleccionado com base nos critérios de personalidade de reconhecida idoneidade moral e social, pessoas que pelo seu carácter dão desde logo garantia de que o resultado da entrevista terá uma conclusão lógica e séria. A faixa etária das pessoas entrevistadas se centra basicamente entre quarenta e sessenta e cinco ou mais anos.

Esses entrevistados são pessoas com uma vivência de mais de quinze anos em São Vicente, muitos deles viveram na Ilha antes e depois da Independência de Cabo Verde que conhecem bem a realidade da Ilha e tomaram contacto com alguma literatura publicada em Cabo Verde ou em Portugal antes da independência nacional sobre a ilha de S. Vicente, nomeadamente Jornais, boletins informativos entre outros, como, por exemplo, a Revista de Cabo Verde (17..a 1899) a Liberdade de Aurélio Martins, A Tribuna, Noticias de Cabo Verde, Claridade, bem como livros que foram escritos pelos próprios entrevistados.

Os entrevistados são da opinião que existe uma correlação directa entre a economia carvoeira de finais do Século XIX e o desenvolvimento da Cidade do Mindelo, havendo uma posição unânime de todos os entrevistados de que a economia carvoeira foi o motor do desenvolvimento da ilha. Que a presença inglesa em S. Vicente no quadro da instalação do entreposto de carvão resultou em prosperidades para a Ilha de S. Vicente, justificando com alguns aspectos que representam essa prosperidade, nomeadamente o desenvolvimento comercial da ilha, do seu porto, [abrindo o](#) emprego a muita gente, o que, por sua vez, contribuiu para a emigração das pessoas das outras ilhas para a Ilha de São Vicente. Essa actividade “alavancou” outras actividades como o [desporto](#) e actividades lúdicas. Segundo os mesmos entrevistados, Mindelo hoje ostenta outros

elementos, nomeadamente da cultura material (edificações; arquitectura urbana etc.) que testemunham o passado relacionado com a economia carvoeira e a presença inglesa em São Vicente em Finais do Século XIX e inícios do século XX, entre os quais se salienta o antigo Edifício do Telégrafo que se transformou em Hospital da Praça Nova – a chamada rua do telégrafo - as casas de campo, bem como a antiga praça Dom Luís. Ainda, segundo os entrevistados, existem aspectos da cultura mindelense de hoje que possam ser reflexos daquela época que contribuíram para formação do homem mindelense, configurando “sui generis” certos hábitos alimentares, certos hábitos próprios da indumentária, bem como alguns traços linguísticos.

1.3. Relacionar as diversas opiniões relativas aos reflexos da economia carvoeira para o desenvolvimento posterior de Mindelo.

Das entrevistas feitas todos são de opinião que a economia carvoeira contribuiu para o desenvolvimento não só do Mindelo como de toda a ilha, bem como de Cabo Verde em geral pela entrada e saída de navios que aportavam a ilha e da presença dos estrangeiros, em especial os ingleses.

Consideram que muitos dos edifícios hoje existentes na ilha são heranças deixadas pelos ingleses entre as já citadas. Além da cultura material expressas nas construções da época os entrevistados apontam aspectos da cultura imaterial como por exemplo a especificidade do crioulo, uso de hábitos alimentares tais como a «gin and tonic», «the five o'clock tea», a nível do vestuário como é o caso do uso de roupas brancas e de meias até aos joelhos e até em alguns procedimentos e atitudes.

Apesar do afastamento da vida social, por parte dos ingleses estes através das suas companhias levaram ao surgimento de infra-estruturas graças as quais o povoado ascende à categoria de vila e desta à conhecida cidade do Mindelo que carrega atrás de si características arquitectónicas típicas a dos ingleses.

CONCLUSÃO

O presente trabalho incidiu sobre a economia carvoeira e os seus reflexos na economia da ilha de São Vicente e de Cabo Verde em geral. Várias foram as etapas percorridas ao longo da execução do presente trabalho. Não foi fácil a execução do trabalho. Desde exiguidade da literatura bem como a falta de dados estatísticos relacionados com a Ilha de São Vicente no período de 1870 a 1900 a facilitaram a elaboração do trabalho. No entanto o mais visível desse passado tem a ver com aspectos da cultura material que também testemunha a presença inglesa, como são as construções quer sejam civis quer sejam particulares, sendo estas últimas em muitos casos destacam na cidade com estilos relacionados com a presença estrangeira.

De qualquer maneira devemos referir que o trabalho envolve as seguintes conclusões:

- ❖ Que a revolução industrial marcou a Europa Ocidental e o mundo desde os meados do século XVIII ao século XX;
- ❖ Que as suas consequências ao se restringiram a nível de produção, mas também a diversos níveis tais como económico, social, demográfico, crescimento urbano;
- ❖ Que pela sua posição geográfica e a importância que isso significava na época, a Ilha de São Vicente foi também um ponto onde a revolução industrial marcou presença e contribuiu para que houvesse a fixação do povoado que há muito se pretendia nessa ilha;
- ❖ São Vicente, em decorrência do que foi exposto nos pontos anteriores, contribuiu para a entrada de divisas no arquipélago, aumentando deste modo as receitas do cofre da Província;
- ❖ A presença inglesa na ilha com a implantação das companhias carvoeiras contribuiu para o aparecimento de uma cultura cosmopolita na Ilha;

Enfim, a ilha de São Vicente foi o baluarte de desenvolvimento económico cultural de Cabo Verde na época de 1838 a 1900 e não se pode negar a sua hegemonia na época em causa. Cabo Verde beneficiou e muito com a economia carvoeira da Ilha.

Bibliografia

- ANDRADE, Elisa Silva. **As Ilhas de Cabo Verde da “Descoberta” À Independência Nacional (1460 – 1975)**. Paris. L’Harmattan. 1996.
- Enciclopédia Brasileira e Portuguesa, Editorial Enciclopédia L.da. S/d.
- CARPENTIER, Jean e OUTRO. **História da Europa**. Lisboa. Editorial Estampa. 1996.
- DREYFUS, François – George e OUTROS. **Historia geral de Europa 3 : de 1789 aos nossos dias**. Lisboa. Publicações Europa-América. 1996.
- RÉMOND, René. **Introdução a historia do nosso tempo**. Lisboa. Gradiva. 1994.
- CHAUNU, Pierre. **A Civilização da Europa das Luzes**. Lisboa. Estampa Lda. 1985.
- **Linhas Gerais da Historia do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo**. Publicação do Ministério da Habitação e Obras Publicas da Republica de Cabo Verde. Ministério da Economia e das Finanças. Portugal. 1984.
- VÁRIOS. **Historia Geral de Cabo Verde Vol I**. Praia – Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical - Instituto Nacional de Investigação Cultural. 1991.
- [http://www.cultura-brasil.pro.br/revolução-industrial .htm](http://www.cultura-brasil.pro.br/revolução-industrial.htm).
- Enciclopédia luso-brasileira de Cultura. Lisboa. Editorial Verbo. 1999.

- RIOUX, Jean Pierre. **A Revolução Industrial**. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 1996.
- HOBSEBAWM, E.J. **A Era das Revoluções**. Editorial Presença. Lisboa. 1962.
- Boletim de propaganda e informação. Ano 1949 e 1950.
- RAMOS, Manuel nascimento. **Mindelo D´outro**. Mindelo. 2003.
- BEAUCHAMP, Chantal. **Revolução Industrial e Crescimento Económico no século XIX**. Edições 70. Portugal. 1998.
- ASHTON, T. S.A. **Revolução Industrial**. Porto Editora. Publicações Europa/América. Lisboa. 1955.
- RODRIGUES, Moacyr e OUTRO. **A Morna na Literatura Tradicional**. Fontes para o estudo Histórico – Literário e a sua repercussão na sociedade. Instituto cabo-verdiano do Livro e do Disco. Estudo e Ensaio. Praia. 1996.
- CARREIRA, António. **Migrações nas ilhas de Cabo Verde**. Instituto Cabo-verdiano do Livro. Lisboa. 1983.
- Dicionário Coreográfico do Arquipélago de Cabo Verde. Agência Geral do ultramar. Lisboa. 1952.
- MARQUES, A. H. de Oliveira. **História de Portugal: das origens às revoluções liberais**. Palas Editores. Lisboa. Vol.I. 1972.
- Dicionário de História de Portugal. Livraria Figueirinhas. Vol.IV. Porto. 1989.
- **Revista Africana**. Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde.nº6 (especial) Porto. 2001.

- Revista Cultural: **dá Fala**. Marta Lança. Nº3.Mindelo.2005.
- Boletim da Província de Cabo Verde ano de 1870 a 1900.